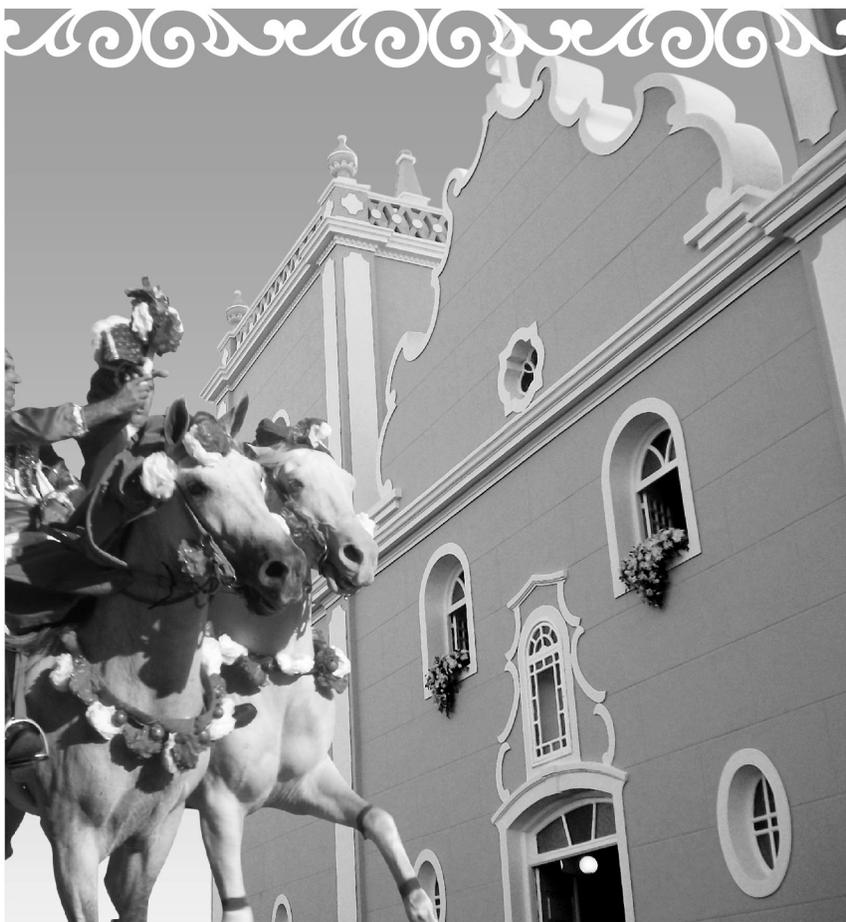


Gisele da Silva Gonçalves



# A cavalhada de Santo Amaro

uma tradição da baixada campista

Campos dos Goytacazes, RJ



2013

© 2013 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Todos os direitos reservados. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na internet ou outros), sem a autorização, por escrito, da Essentia Editora.



G635c Gonçalves, Gisele da Silva

A cavallhada de Santo Amaro: uma tradição da  
baixada campista / Gisele da Silva Gonçalves. --  
Campos dos Goytacazes (RJ): Essentia Editora, 2013.

80 p. : Il.

ISBN 978 - 85 - 99968 - 33 - 8

1. Cultura popular – Campos dos Goytacazes, RJ.  
2. Campos dos Goytacazes, RJ – Usos e costumes. 3.  
Campos dos Goytacazes, RJ – Usos e costumes  
religiosos. I. Título.

CDD – 306.098153



**Essentia Editora**

Rua Dr. Siqueira, 273 - Anexo do Bloco A - 2º. andar  
Parque Dom Bosco - Campos dos Goytacazes/RJ  
CEP 28030-130 | Tel.: (22) 2726-2882 | fax (22) 2733-3079  
www.essentiaeditora.iff.edu.br | essentia@iff.edu.br

**Tiragem:** 500 exemplares

**Impressão:** Impressoart Editora Gráfica Ltda. | Tel.: (41) 3348-2728

## Ministério da Educação Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

### **Reitor**

Luiz Augusto Caldas Pereira

### **Pró-Reitor de Ensino**

Carlos Márcio Lima

### **Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação**

José Augusto Ferreira da Silva

### **Pró-Reitora de Extensão**

Paula Aparecida Martins Borges Bastos

### **Pró-Reitora de Administração**

Helder Siqueira Carvalho

### **Conselho Editorial**

### **Conselho Consultivo**

Desiely Silva Gusmão

Adalberto Cardoso (IESP/UERJ)

Edinalda Almeida da Silva

Antonio Carlos Secchin (UFRJ)

Helvia Pereira Pinto Bastos

Antonio José da Silva Neto (UERJ)

Inez Barcellos de Andrade

Asterio Kyoshi Tanaka (UNIRIO e UFRJ)

Jefferson Manhães de Azevedo

Erica Maria Pellegrini Caramaschi (UFRJ)

Luiz de Pinedo Quinto Junior

Fernando Benedicto Mainier (UFF)

Maria Amelia Ayd Corrêa

Fernando Pruski (UFV)

Maria Inês Paes Ferreira

Francisco de Assis Esteves (UFRJ)

Pedro de Azevedo Castelo Branco

Gaudêncio Frigotto (UFF)

Regina Coeli Martins Aquino

Hamilton Gomes Costa (UFRJ)

Rogério Atem de Carvalho

Helder Gomes Costa (UFF)

Romeu e Silva Neto

Iná Elias de Castro (UFRJ)

Said Sérgio Martins Auatt

Jader Lugon Junior (IFF/UERJ/SENAI)

Salvador Tavares

Janete Bolite Frant (PUC/SP)

Sergio Vasconcelos

José Abdallah Helayel-Neto (CBPF/MCT)

Silvia Lúcia dos Santos Barreto

Rodrigo Valente Serra (ANP)

Synthio Vieira de Almeida

Ronaldo Pinheiro da Rocha Paranhos (UENF)

Vania Cristina Alexandrino Bernardo

Sergio Arruda de Moura (UENF)

Vicente de Paulo Santos Oliveira

Vera Lucia Marques da Silva (FBPN)

Wander Gomes Ney

Virginia Maria Gomes de Mattos Fontes (UFF)

### **Equipe Editorial**

*Revisão de língua portuguesa*

Isabela Bastos de Carvalho

*Capa e Projeto Gráfico*

Cláudia Marcia Alves Ferreira

*Diagramação*

Cláudia Marcia Alves Ferreira e Rodolfo Rodrigues Pontes

*Catálogo e Revisão técnica*

Inez Barcellos de Andrade e Michele Siqueira Pessanha de Faria



---

Para os que mantêm viva a Cavahada de Santo Amaro e abriram as portas de suas casas para a realização deste projeto;

Aos participantes da Cavahada de Santo Amaro, cujos diálogos foram essenciais;

Aos corredores da Cavahada de Santo Amaro de ontem e de hoje;

E aos corredores que estão por vir.







“Foi assim. O tempo passou. O trem foi substituído pelo ônibus, pelos caminhões, pelos automóveis. Em lugar das candeias de querosene de antigamente, a iluminação agora é de lâmpadas de mercúrio. A poeira do chão já não existe: está sob o asfalto e o calçamento. Se muita coisa mudou, muita coisa também permaneceu. Os devotos continuam fervorosos, os filhos do lugar comparecem na medida do possível. A Cavallhada continua a encantar como antigamente, só que agora já tendo como participantes os corredores-filhos e corredores-netos...

A Festa de Santo Amaro, o Padroeiro da Baixada Campista, outrora ‘Terra dos Heréos,’ continua. É uma tradição”.

*Waldir P. Carvalho*







---

## Sumário

---

- 09 Prefácio
- 11 Apresentação
- 13 Introdução
- 15 Buscando a origem das Cavalhadas
- 25 Um pouco da história do povoado de Santo Amaro
- 27 Na festa de Santo Amaro
- 37 Conhecendo a Cavalhada de Santo Amaro
- 75 E a Cavalhada de Santo Amaro continua...
- 77 Referências
- 79 Anexos







---

## Prefácio

---



Quando menina, ouvi narrativas sobre a cavallhada em Poconé, Mato Grosso, em conversas de família. Minha avó, meu pai e minhas tias, ao contarem histórias de sua terra, a qual haviam deixado já fazia tempo, volta e meia se referiam às tradições da Festa do Divino e da Cavallhada e à dança Siriri, da qual minha avó ensaiava uns passos, aos risos, por ser uma dança do povo e que ela nunca pudera dançar em público.

A Festa do Divino sempre mereceu narrativas mais longas, pois se revestia de maior importância religiosa e social, mas a Cavallhada era descrita com especial dedicação às crianças, que se punham a ouvir a história do combate entre cristãos e mouros. Os cavalos ajazados, os cavaleiros adereçados, as espadas, as lanças e o jogo das argolinhas traziam seres e cenas para a fantasia que iria povoar brincadeiras infantis.

Anos depois, encontrei numa caixa de fotografias, hoje já perdida, uma foto, em preto e branco, dos cavaleiros de uma Cavallhada em Poconé, acredito que datada do começo dos anos 1940. Pouco se via de seus rostos sob a sombra das abas de seus chapéus, mas montados com postura ereta, portando suas espadas e lanças, elegantes cavaleiros em belos animais.

Vindo para Campos dos Goytacazes no início de 1994, a chamado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro- UENF, tive um novo encontro com as cavallhadas, quando li nos jornais locais sobre a festa de Santo Amaro. Por uma razão, ou por outra, nunca estive lá.

A vida universitária, no entanto, me trouxe a oportunidade de conhecer o trabalho de Gisele da Silva Gonçalves e, uma outra vez, os cristãos e os mouros, em suas cores azul e vermelho, vieram povoar não mais a fantasia de infância, mas o meu mundo, em que os saberes da academia me exigem aproximar-me da pluralidade da cultura e me dão a certeza de que nunca terei lido o suficiente para alcançar as teses dos antropólogos, dos sociólogos e dos filósofos para pensar a Cultura.

A autora, a partir de seus estudos para a elaboração de sua dissertação de mestrado em Políticas Sociais, que a conduziram a uma pesquisa de campo por alguns meses em Santo Amaro, nos apresenta um texto que foge ao rigor da estrutura de um texto acadêmico, mas se faz um relato envolvente das expectativas dos participantes, de suas histórias pessoais, da religiosidade de um evento profano, do cotidiano da organização de uma festa tradicional, do zelo pela sua preservação e da própria realização da Cavallhada, em seus diferentes

rituais e “carreiras”, como se fossem atos da teatralização que efetivamente a autora constrói na narrativa, nas falas transcritas que a permeiam e no material iconográfico que ilustra a descrição.

O livro se organiza em sete partes, que oferecem valioso conteúdo para que sejamos instigados a nos debruçar sobre questões de natureza antropológica e sociológica no amplo campo das teses que se levantam nos estudos da Cultura. Gisele da Silva Gonçalves nos faz acompanhá-la no percurso que se inicia quando disserta sobre a origem das cavallhadas, chegando ao povoado de Santo Amaro e à sua festa tradicional, esta desde as origens investigadas até o seu cenário atual.

Pode parecer pouco procedente a introdução que fiz neste texto ao mencionar uma reminiscência, mas, em minha defesa, apresento dois argumentos, pedindo desculpas por ter fugido à formalidade a que deveria obedecer. O primeiro deles é que Poconé é uma das doze cidades brasileiras que ainda tem a tradição de promover essa festa popular e o faz em honra de São Benedito. O segundo é que o tema que gerou a dissertação de Gisele, e este livro, trouxe à tona, para mim, uma paisagem afetiva das origens da família de minha avó e das categorias culturais que se manifestam em terras mato-grossenses. E não pude fugir a isso.

O leitor deste livro tem em mãos uma descrição envolvente de uma festa popular e uma contribuição relevante para novos estudos sobre o patrimônio cultural da região Norte Fluminense. Que ele se ponha como desafio aos que já desenvolvem esses estudos.



Campos dos Goytacazes, 16 de agosto de 2012  
*Sonia Martins de Almeida Nogueira*  
*Professora do Programa de Pós-graduação*  
*em Políticas Sociais da UENF/CCH*



---

## Apresentação

---



O Patrimônio Cultural e as tradições guardadas na Baixada Campista passaram a ser minha fonte de interesse desde os estudos na graduação, principalmente a festa popular mais significativa da Baixada, “A Festa de Santo Amaro”, na qual é apresentada a “Cavalhada de Santo Amaro”, que acabou se tornando meu objeto de estudo do Mestrado em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), com o foco na discussão das políticas públicas de cultura.

O pilar deste trabalho está nos depoimentos de informantes principais da Cavalhada de Santo Amaro, através de uma descrição etnográfica, tendo como base a vivência no campo, o que propiciou uma imersão na comunidade. Os informantes selecionados foram: os capitães da cavalhada, Joel (Capitão Mouro) e Miguel (Capitão Cristão); a artesã e costureira das indumentárias, Maria da Conceição (Dona Conceição) e Fernando (um dos organizadores).

A cavalhada de Santo Amaro é encenada no dia 15 de janeiro, mas faz parte da vida de seus participantes durante todo o ano. Essas pessoas abriram as portas de suas casas para a realização da pesquisa. Na possibilidade de tantos diálogos, o grupo que a promove manifestou o interesse de que uma obra fosse dedicada à cavalhada de Santo Amaro; única a ser apresentada no Estado do Rio de Janeiro desde meados do século XVIII.

Um significativo aprendizado que a pesquisa proporcionou foi perceber que descrever uma manifestação da cultura popular é um grande desafio, sendo necessário conhecê-la, estar com a comunidade, entender suas dificuldades, seus sonhos, mas, acima de tudo, compreender o que exatamente faz com que essas pessoas tenham o desejo de encenar a cavalhada ano após ano.

É esse “desejo” que é transmitido no grupo, na comunidade, de pessoa a pessoa, de “boca a boca” e pela “boca do povo”, mostrando que o folclore e as manifestações da cultura popular são vivas. Elas não estão “congeladas” nos museus, mas sim no cotidiano das pessoas. Esse é um delicado patrimônio que é guardado na memória da comunidade, de geração a geração. Por isso, escrever sobre a cavalhada de Santo Amaro é reconhecê-la como um relevante patrimônio cultural do Município de Campos dos Goytacazes e do Estado do Rio de Janeiro. Então, caro leitor, receba o convite para percorrer este caminho, um caminho com destino à Baixada Campista.

Campos dos Goytacazes, agosto de 2012  
*Gisele da Silva Gonçalves*





## Introdução



Este livro tem o intuito de fornecer registros sobre a cavalcada de Santo Amaro, uma cultura viva que persiste desde o século XVIII até os dias atuais, contribuindo para o entendimento de sua estrutura interna, ritual e sua inserção na festa de Santo Amaro. Ela é realizada no dia 15 de janeiro, no 3º Distrito do Município de Campos dos Goytacazes, denominado Santo Amaro de Campos, localizado na Baixada Campista<sup>1</sup>. Essa manifestação da cultura popular vem atravessando os séculos e, de forma dinâmica, se reestrutura e incorpora novas formas para a sua manutenção.

O dinamismo da cultura se expressa na capacidade que os grupos têm de modificar seus próprios hábitos com o passar do tempo. Também é importante refletir que o termo “cultura” engloba uma série de aspectos, como: a linguagem, a forma de contar histórias, de cozinhar alimentos, de construir casas, de rezar, de dançar, de festejar, entre outros. É um processo que expressa movimento, que se transmite de geração a geração; através de práticas e valores que se criam e recriam.

A amplitude do termo cultura traz diversas definições relacionadas ao modo de vida dos diferentes grupos humanos. O autor Peter Burke<sup>2</sup> define cultura como um sistema de significados, atitudes, valores partilhados e as formas simbólicas (festas, apresentações, objetos artesanais, participação em rituais e outros) que são expressos ou encarnados. A cultura faz parte de todo um modo de vida, é um sistema com limites indefinidos. Os diversos “modos de viver” estão relacionados aos costumes e tradições de uma determinada sociedade. A tradição pode ser reconhecida por continuidade, permanência e valores de um determinado grupo social, que se mantém vivo pela transmissão sucessiva através de seus membros.

Falar em cultura abrange a distinção entre cultura erudita e cultura popular. Os costumes populares também são conhecidos como folclore<sup>3</sup>, que é o comportamento coletivo, tradicional, espontâneo, anônimo e regional transmitido pela tradição oral. Um fator importante do folclore é o anonimato,



<sup>1</sup> Ver figuras na página 79.

<sup>2</sup> BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>3</sup> Termo cunhado pelo arqueólogo William John Thoms que surgiu na Inglaterra em 1846. “Folk-lore”, um neologismo cuja etimologia remete a raízes anglo-saxônicas: povo (folk) e saber (lore). Neste termo são reconhecidas as canções, danças, mitos, provérbios, adivinhas, narrativas, enfim, cantares e dizeres transmitidos oralmente e mantidos pela memória (FRADE, 2004).

pois nele não se reconhece um autor. É algo aceito e modificado pela coletividade, sendo então uma obra do próprio povo.

Atualmente encontra-se em evidência a importância de se valorizar as diferentes manifestações da cultura popular. Estas se encontram nos gestos, nos saberes, nos sabores, nos ofícios, nas danças, nos rituais e nas festas, e se expressam na capoeira, no frevo, nas rodas de samba, no jongo, nas folias de reis, nas congadas, nas cavallhadas e tantas outras formas de expressão da cultura popular, que, quando valorizadas de forma institucional, são reconhecidas como patrimônio cultural <sup>4</sup>.

Os grupos produtores da cultura popular preservam em sua memória um relevante patrimônio que se transmite de geração em geração, por isso é fundamental que esses grupos sejam valorizados, enfatizando a função social que a manifestação popular representa para as comunidades que a produzem. Esta função é o “fio condutor” dos laços sociais que as mantêm vivas. Por isso, escrever sobre a cavallhada de Santo Amaro não é apenas relatar a sua apresentação; mas também buscar as suas origens históricas e compreender o dia a dia dos seus participantes, reconhecendo que essa importante manifestação da cultura popular do Município de Campos dos Goytacazes guarda peculiaridades que a difere de outras cavallhadas do Brasil.



---

<sup>4</sup> De acordo com a Constituição Federal do Brasil de 1988, constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O patrimônio material, refere-se aos edifícios, monumentos e documentos; já o patrimônio imaterial ou intangível, abrange os saberes, os ofícios, as práticas, as crenças e os modos de ser das pessoas.

---

## Buscando a origem das Cavalhadas

---

Antes de relatar especificamente sobre a manifestação popular da cavalhada de Santo Amaro<sup>5</sup>, é importante conhecer a origem das cavalhadas no mundo através de um breve histórico de seu surgimento nos jogos medievais, até a sua difusão em terras brasileiras, onde cada uma incorporou diferentes representações.

Em sua origem, as cavalhadas representam uma reminiscência dos torneios hípicos da Idade Média, na Europa Feudal, nos quais os aristocratas exibiam, em espetáculo público, sua destreza e valentia, com nobres a cavalo regidos por normas cavaleirescas. O ideário cavaleiresco, ao longo do processo histórico, inclui as cruzadas, e destas sobressaem os combates entre os mouros e cristãos. Nos períodos de paz, os cavaleiros organizavam jogos e passatempos que eram altamente apreciados pela nobreza, em terras próximas ao castelo.

**Figura 1: Gravura representando os torneios hípicos da Idade Média**



Fonte: Enciclopédia Conhecer, 1971

---

<sup>5</sup> A pesquisa bibliográfica sobre as origens das cavalhadas se deu através de documentos, livros, periódicos e em importantes instituições como: Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes, Casa de Cultura Vila Maria, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), Real Gabinete Português de Leitura, entre outros.

Alceu Maynard Araújo<sup>6</sup> descreve que o combate individual chamava-se justa, e o coletivo, torneio, que “era uma forma de preparação para a cavalaria, instituição lendária cuja criação é atribuída ao rei Arthur da Bretanha, fundador da Távola Redonda, e Carlos Magno, com seus legendários doze pares” (1964, p.265). Desta forma, observa-se que nas cavallhadas também se inclui a representação das lutas históricas entre os soldados cristãos de Carlos Magno<sup>7</sup> contra os mouros.

No decorrer dos séculos XII e XIII, no auge das Cruzadas, a sociedade cavaleiresca passou a ter um grande prestígio. Ela era composta por homens que chegavam a possuir, nos seus principados, igrejas e castelos, o poder de comandar e punir, ostentando o título de cavaleiro. Tratava-se de uma aristocracia abaixo dos nobres e menos rica (OURIQUE; JACHEMET, 1997). Foi nesse período que os torneios representaram uma importância nas festividades, sobretudo na França, em homenagem às vitórias militares, casamentos de nobres e visitas de príncipes estrangeiros. Tudo isso era pretexto para a realização dessas competições, das quais participavam os ilustres guerreiros, que nas justas e nos combates de equipes, os cavaleiros conservavam a vida e o respeito aos adversários.

Tendo origem nos torneios medievais, a cavallhada inclui a “concepção de vida e dos ideais das Cruzadas, tanto nos torneios e jogos – prática dos cavaleiros com fins de aprimoramento militar – como na ideologia da supremacia e afirmação da cristandade frente aos inimigos personificados em mouros” (PEREIRA, 1983, p.199). Trata-se de um divertimento de origem medieval que repetia uma espécie de tática de guerra. São reminiscências das justas e torneios de nobres cavaleiros, que se somaram à celebração dramatizada das lutas entre cristãos e mouros, com embaixadas, desafios e raptos de princesas constituindo exercícios de destreza militar na forma de jogos.

Em 1973, autor português Mário Gonçalves Viana<sup>8</sup>, ao pesquisar sobre as cavallhadas em Portugal, constatou que na transição da Europa Feudal para a Moderna, o povo começou naturalmente a tentar imitar os jogos e as diversões dos nobres. Praticamente em toda a Europa ocidental se verificava esse fato, onde se realizavam jogos deste tipo por sociedades de mosteiros e corporações em dia de feira nas datas festivas. Nesses espetáculos, o povo imitava os nobres misturando o profano com o religioso. No entanto, uma das questões mais interessantes sobre a origem das cavallhadas está na transformação dos torneios medievais em folgado<sup>9</sup> popular. As cavallhadas passaram a ser representadas em Portugal e

---

<sup>6</sup> ARAÚJO, Alceu Maynard. Folguedos Tradicionais e Populares: Cavallhadas. In: *Folclore Nacional: Danças, Recreação, Música*. São Paulo: Melhoramentos, 1964. v.2, p.265-289.

<sup>7</sup> Carlos Magno foi o rei dos Francos entre os anos de 768 e 814. É reconhecido por ter restaurado o Império Romano do Ocidente. Ele soube reunir regiões extremamente diversas sob sua autoridade, no qual lançou os fundamentos da cristandade medieval, fazendo do cristianismo o elo essencial dos povos de seu império. No entanto, na história de Carlos Magno é difícil separar o que é lenda do que é fato. Existe uma literatura épica, como as canções de gesta e os romances de cavalaria, típicos das letras medievais e renascentistas, que retomam acontecimentos da sua época (OURIQUE; JACHEMET, 1997).

<sup>8</sup> VIANA, Mário Gonçalves. *As Cavallhadas em Portugal e no Brasil: Ensaio de História Comparada*. Lisboa: Oficinas Gráficas de Ramos e Moita LTDA, 1973.

<sup>9</sup> O Folgado é uma atividade ritual que se expressa como manifestação coletiva composta de elementos dramáticos, musicais e coreográficos. Em geral, organiza-se ao longo de reuniões periódicas para os ensaios dos integrantes, que são mais ou menos constantes. O folgado integra dimensões festivas, musicais, estéticas e dramáticas. As apresentações ocorrem em ruas e praças públicas, ou em terreiros e estádios, especialmente nos dias de festas do calendário litúrgico ou profano (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP/FUNARTE apud TEIXEIRA, 2008).

Espanha como uma forma de difundir uma ideia de “vitória do Cristianismo”, recriando o combate que foi vivenciado na Península Ibérica. Porém, em Portugal, surgiram na forma de procissões dramáticas, pois era comum serem celebradas em cortejos religiosos.

Nesse contexto, a cavalhada pode ser reconhecida como um teatro folclórico, pois integra as manifestações populares que se traduzem em representação, espetáculo ou cortejo, com personagens determinadas, vestes características e finalidade, direta ou indireta, de exibição. É uma forma de teatro equestre, no qual o cavalo ocupa posição de destaque, valorizado pelo realce que lhe confere. Procede de aculturação espanhola, nos espetáculos; portuguesa, pela função religiosa. Existe também aculturação francesa devido à história de Carlos Magno, originária das canções de gesta, difundida pelos jograis na Espanha. Na América Latina, observam-se as semelhanças que se mantêm em torno do mesmo fato, cuja raiz é atribuída a um passado distante, incluindo os jogos e as lutas entre cristãos e mouros (PEREIRA, 1983).

No início do século XVI com a vinda dos portugueses para o Brasil, foram trazidos diversos aspectos de sua cultura, como a religião, a moral, as tradições, os hábitos, as profissões, as plantas, os costumes militares, os animais e as atividades recreativas. Em terras brasileiras os padres Jesuítas foram pioneiros em importar, além da fé católica, preocupações com a civilidade, adaptando-as às crianças indígenas que catequizaram na América portuguesa. Regras para a postura, o andar e a manutenção das costas eretas eram aplicadas no cotidiano (DEL PRIORI, 2000). Além do adestramento físico, das primeiras letras e orações, os pequenos eram introduzidos aos “jogos dos meninos do Reino”, ou seja, de Portugal. “Correr argolinhas” era um deles: imitação de torneio medieval, em que os meninos tinham de enfiar lanças sem ponta em argolas, retirando-as de postes onde pendiam presas por uma garra.

Em suas viagens etnográficas pelo país na década de 1930, Mário de Andrade observou que a permanência de tradições mouriscas na cultura brasileira muitas vezes relaciona-se a um símbolo de ordem religiosa. Isso pode explicar o fato das cavalhadas no Brasil estarem relacionadas a um calendário religioso. Como foi apontado anteriormente, a tradição dos torneios atravessou os tempos, e eles passaram a ser realizados durante festas religiosas ou políticas, nos quais as “corridas de argolas” eram parte de um desafio maior: as cavalhadas. Delas participavam monarcas, príncipes, fidalgos da casa real e autoridades. Sobre esse aspecto, Viana destaca que:

As cavalhadas do tipo popular foram introduzidas no Brasil [...] Tendo-se fixado em diversas áreas especialmente adaptadas à criação de gado e à prática dos exercícios hípicas [...] Segundo Loureiro Fernandes a cavalhada popular é na sua essência um folguedo vinculado a ciclos da vida campeira à área das regiões criadoras onde o cavalo e o cavaleiro desempenham um papel de primeira grandeza [...] Por que se fixaram as cavalhadas no Brasil? Como se sabe, foram os portugueses que introduziram na América do Sul o

cavalo. O Brasil popular recebeu da parte do povo português que ali se instalou um tipo de cavallhada caracteristicamente medieval e manteve através dos tempos esse mesmo tipo sem grandes alterações (1973, p.21).

Os folguedos populares e tradicionais serviam para quando o povo, concentrado nas grandes festas religiosas ou não, tivesse nas formas espetaculares de uma cavallhada, por exemplo, uma lição objetiva do bem vencendo o mal, do “mouro infiel” vencido pelo cristão. Esse divertimento contribuiu para a formação religiosa do povo na forma de teatro popular em praça pública, que o jesuíta aproveitou para a catequese. Logo, as festas e procissões na Colônia permitiam às diferentes camadas sociais o divertimento, a fantasia e o lazer. Existiam, também, vários sentidos nas funções aparentemente irrelevantes da festa, dando persistência a certas maneiras de pensar, de ver e de sentir. Para a historiadora Mary Del Priore<sup>10</sup>, a mistura entre o sacro e o profano atenuava as diferenças entre o pagão, o inculto; o diferente do europeu branco considerado civilizado. Os mitos pagãos eram assim esvaziados e recuperados para serem vivenciados exclusivamente como parte da festa. Deste modo, durante o período colonial, as cavallhadas eram corridas em espaços cercados, denominados como “curros”, contornados por arquibancadas para acomodar tanto os membros da elite colonial quanto os espectadores pobres.

A difusão das cavallhadas apresentadas no Brasil tem início no século XVI. Essas ocorrências são comprovadas em antigos documentos citados pelos autores Theo Brandão<sup>11</sup> e Niomar Pereira.<sup>12</sup> Segundo eles, os primeiros registros foram descritos pelo Padre Fernão Cardim, que apontavam uma cavallhada em 1564 na Bahia, e posteriormente, em 1584, em Pernambuco; ambas com destaque para o jogo de argolinha. Já no século XVII, outras relevantes apresentações foram a de 1609 na Bahia, como também no ano de 1641 pela aclamação de D. João IV, foram citadas duas cavallhadas realizadas em Pernambuco e no Rio de Janeiro.

Em Pernambuco, o Príncipe João Maurício de Nassau, quando recebeu a notícia da aclamação enviada pelo vice-rei do Brasil, D. Jorge de Mascarenhas, preparou grandes festas, ordenou terraplenar uma área e, segundo registros mencionados por Mary Del Priore, ele mandou fazer “muitos palanques e teatros de madeira para se assentar a gente que viesse [...] envia o convite a todos os jovens da capitania que sejam bons cavaleiros e possuam ‘cavalos regalados’ [...] e começaram todos a correr, sendo o Príncipe João Maurício de Nassau o primeiro” (2000, p.60). É importante destacar que, mesmo já sendo encenada em festividades, as cavallhadas mantinham as características dos torneios medievais, por isso a exigência de bons cavaleiros. Nas primeiras cavallhadas apresentadas no Brasil, sobressaíam os jogos de argolinhas.



<sup>10</sup> DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

<sup>11</sup> BRANDÃO, Theo. *Cavallhadas de Alagoas. Cadernos de Folclore*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

<sup>12</sup> PEREIRA, Niomar de Sousa. *Cavallhadas no Brasil: de cortejo a cavalo a lutas de mouros e cristãos*. São Paulo: Escola de Folclore, 1983.

Quanto às cavalhadas apresentadas no Rio de Janeiro, uma das primeiras a serem realizadas foi em comemoração pela aclamação de D. João IV, em 1641. Ela ocorreu por ordem do Governador Salvador Correia de Sá e Benevides, em duas apresentações: sendo a primeira em 4 de março de 1641 e a segunda em abril do mesmo ano. Nas cavalhadas realizadas no Rio de Janeiro sobressaem alguns detalhes específicos:

Na praça vibram clarins, entram os pajens a pé, cabeleiras presas por laços e trazendo o tricórnio na mão, vão fazer a cortesia de estilo em frente ao vice-rei. Saem dois grupos, ao som de marcha batida, um seguindo à esquerda, outro à direita, para buscar os animais cheios de guizos, que carregam, nos surrões de couro, as lanças, postes de argolinha, cabeças de massa, alcanzias etc. Estes objetos serão usados nos jogos e ficam já depositados na arena. [...] Entram majestosos os cavaleiros com as lanças na mão e se dirigem à frente do vice-rei onde executam a “espetaculosa” continência de sete tempos (PEREIRA, 1983, p. 22).

A primeira encenação de uma cavalhada realizada na Baixada Campista ocorreu no ano de 1730, na Vila de São Salvador, atual município de Campos dos Goytacazes. O escritor campista Alberto Lamego<sup>13</sup> descreveu que o Solar do Colégio dos Jesuítas<sup>14</sup> foi cenário de pomposas festividades quando chegara do Rio de Janeiro o ouvidor-geral, Dr. Manoel da Costa Mimoso, onde foram, pela primeira vez, “corridas as cavalhadas na capitania da Parahyba do Sul, e quem as assistisse, diria que uma das grandes festas de que fora tão fértil Lisboa no tempo de D. João V tinha sido transportada para as desertas planícies dos goytacás” (LAMEGO, 1920, p. 114). O autor também escreveu minuciosamente que os 24 cavaleiros:

Formavam elles dois fios, tendo como guias, os dois filhos do Visconde de Asseca, vestidos de velludo negro, com as cabeleiras empoadas e montados em “irriquietos” cavallos com preciosos jaezes. Da dianteira das sellas partia “uma cachaceira de sêda azul que cobria os corcéis até os joelhos das mãos”; da cabeça surgia um toucado com o seu pennacho de plumas de garças brancas e da cauda, vestida sêda amarella, desciam 2 barambazes franjados de prata (LAMEGO, 1920, p. 113).

Foram notáveis, então, as grandiosas cavalhadas, corridas em um protocolo rigoroso. Lamego Filho<sup>15</sup> também descreve como se realizavam os torneios equestres na Baixada Campista:

Dois cavaleiros entram pela arena em cortesias. Obtida a permissão do homenageado, no palanque, retiram-se. Vem a azêmoda, conduzindo “dardos, pistolas, lanças, rosas e alcanzias”. O torneio

<sup>13</sup> LAMEGO, Alberto. *A Terra Goytacá: A Luz de Documentos Inéditos*. Paris: Lédion D'art Gaudio, 1920. Tomo Segundo.

<sup>14</sup> O antigo Solar do Colégio dos Jesuítas, que data de 1652, atualmente é o Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes.

<sup>15</sup> LAMEGO FILHO, Alberto Ribeiro. *A Planície do Solar e da Senzala*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

começa. Sob o estrépito frenético da multidão, entra a fanfarra dos charameleiros. Logo após, ao compasso cadencioso de timbales e trombetas, surgem “vinte e quatro cavaleiros, com seus portandartes”. Os luzidos animais, ricamente ajazados, mascam nervosamente os freios [...] cada bando era orgulhosamente capitaneado por um dos filhos do Visconde de Asseca, Martim e Luís José Correia de Sá [...] os fidalgos cavaleiros guiam com maestria todos os números de corrida, programada com o rigor dos torneios afamados que deslumbram então a corte lisboeta de D. João V (1996, p. 38).

Com as duas descrições observa-se como eram corridas as cavallhadas em Campos, ainda no ciclo Jesuítico. A categoria da encenação se manifesta nos detalhes das vestimentas em veludo, nos 24 cavaleiros, anunciados por trombetas, como também se nota a importância da escolha e do cuidado com os animais, que desde essa época já eram enfeitados por penachos e plumas.

**Figura 2: Pintura representando as “Cavallhadas Corridas na Fazenda do Collegio em 7 de Outubro de 1730”**



Fonte: Lamego, Alberto. *A Terra Goytacá*, 1920

Outro autor campista que menciona as cavalhadas em Campos é Julio Feydit. Ele destaca a pompa no qual se realizava esse divertimento, que ocorria em festividades como forma de homenagear pessoas consideradas ilustres. Como exemplo cita que, por ocasião do casamento de D. João VI com D. Carlota, o sargento-mor, Francisco Manhães Barreto, foi chamado para ir ao Rio de Janeiro pelo vice-rei do Brasil, para dirigir:

As cavalhadas que faziam parte dos festejos, por ser em Campos o lugar, entre todos no Brasil, onde se fazia com mais pompa este divertimento; como também pela fama que gozavam os cavaleiros campistas, que sempre conservaram a primazia como os melhores adestradores de cavalos para esses exercícios, que relembavam as justas da cavalaria da idade média. O sargento-mor fez grandes despesas com arreios, cavalos e pajens, e com alguns dos cavaleiros famosos nesses exercícios, que não tinham posses para comprar as vestimentas a caráter com as quais deviam se apresentar no Rio de Janeiro (FEYDIT, 1979, p. 220).

É importante destacar que as cavalhadas, na Baixada Campista, não apresentavam anteriormente a presença dos mouros e cristãos, elemento incorporado posteriormente, estando atualmente presente na cavalhada de Santo Amaro. Sobre esse aspecto, Brandão (1978) considera como tradição oral que a forma mais primitiva de cavalhadas foi a corrida de Argolinhas. E faz um destaque para a questão do simbolismo das cores. Para ele, mesmo que uma ala vista blusa ou faixa e casquete azul e a outra encarnado, como observado nas cavalhadas de Mouros e Cristãos, tal elemento pode ter sido posteriormente introduzido nas cavalhadas de Argolinhas, através das cavalhadas dramáticas, ou mesmo por intermédio das mouriscas e dos autos reinterpretados destas.

Por isso relata que foi através das mouriscadas que “em suas formas (pedestres, marítimas, ou equestres) se transmitiu este simbolismo de cores nos nossos autos, inclusive em nossa cavalhada de Argolinhas, que em Portugal, Espanha ou Latino-América, não possui qualquer distinção de cores ou partidos” (BRANDÃO, 1978, p.14). O fato dos elementos “mouros e cristãos”, como também das cores “vermelha e azul”, terem se incorporado reforça o movimento e o dinamismo das manifestações culturais.

Ao analisar como as cavalhadas evoluíram pelo território brasileiro, percebe-se que a história muitas vezes mistura-se à lenda, e quanto a isso, destaca-se a influência de Carlos Magno rememorando os torneios que os Doze Pares de França realizavam nos momentos de ócio, entre as lutas que empreendiam. Segundo Pereira (1983), a “História de Carlos Magno e os Doze Pares de França” e a “Canção de Rolando”, episódio derivado de *Chanson de Roland*, canção de gesta francesa, do século XII, tiveram uma ampla aceitação coletiva, o que garantiu sua permanência por séculos influenciando a literatura e o teatro folclórico do Brasil. Muitos episódios do livro de Carlos Magno foram versificados e cantados na literatura de cordel, no nordeste.

De acordo com Câmara Cascudo (1953), a “História de Carlos Magno e

dos Doze Pares de França” foi até o início do século XX o livro mais conhecido pelo povo brasileiro do interior. Mesmo com escassa popularidade nos grandes centros urbanos, mantinha seu domínio nas fazendas de gado, engenhos de açúcar, residências de praia, sendo, às vezes, o único exemplar impresso existente em casa. Eram raras no sertão as casas sem a História de Carlos Magno, nas velhas edições portuguesas. É interessante destacar que, para o autor, curiosamente, a fama ilustre de Carlos Magno, que se tornou tradição popular no Brasil, não teve fonte oral, e sim origem impressa. No entanto, a cavallhada de Santo Amaro em Campos dos Goytacazes não apresenta, em sua encenação, a figura do Carlos Magno, não contendo dramatização, constituindo-se apenas de manobras e jogos variados.

A partir dessas considerações, é importante observar que as cavallhadas são apresentadas no território brasileiro em diferentes formas, mesmo que tenham mantido uma gênese em comum. Elas incorporaram, com o tempo, características locais que as diferem. Quanto às formas de se representar as cavallhadas no Brasil, Cásia Frade<sup>16</sup> destaca que existem duas: uma que se limita aos jogos de destreza, sem dramatização, encontrada principalmente no Nordeste; e a outra que apresenta uma estrutura dramática delineada, encontrada principalmente em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. O folclorista Câmara Cascudo<sup>17</sup> também considera essas duas variantes e informa:

A cavallhada é apresentada, geralmente, durante as festividades de Corpus Christi, e ainda hoje é encontrada no estado de São Paulo, principalmente nas cidades de Atibaia, Mogi das Cruzes, São Luís do Paraitinga e Franca. No Paraná, realiza-se a cavallhada desde 1841, sempre por ocasião das comemorações da coroação de Dom Pedro I, embora hoje esteja em declínio. Cásia Frade refere-se à cavallhada no Rio de Janeiro. Ainda se manifesta em Pernambuco, na Bahia, na Paraíba, no Espírito Santo, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. Em Alagoas, José Maria Tenório Rocha e Theo Brandão também realizaram estudos a respeito [...] Muitos escritores descreveram a cavallhada: Bernardo Guimarães, em *O Garimpeiro*; José de Alencar, em *As Minas de Prata*; Érico Veríssimo, em *O Tempo e o Vento*; Ariano Suassuna, em *A Pedra do Reino*, entre outros (2002, p.124).

Importantes escritores descreveram as cavallhadas em suas obras, que são clássicos da literatura nacional. Por isso é relevante mencionar o escritor campista José Cândido de Carvalho<sup>18</sup>, que em seu romance “O Coronel e o Lobisomem” menciona a festa e a cavallhada de Santo Amaro entre as peripécias do coronel Ponciano de Azevedo Furtado:

Na curva de Santo Amaro a máquina apitou [...] Em todo lugar que Cazuza aparecia levava a cabra em mulinha especial, fosse em



<sup>16</sup> FRADE, Maria de Cásia. *Cadernos do Folclore Fluminense*. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 1988.

<sup>17</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11.ed. São Paulo: Global, 2002.

<sup>18</sup> CARVALHO, José Cândido de. *O Coronel e o Lobisomem*. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. v. 82.

batizado, fosse em casamento[...] A campeirada ria das bobagens de Cazuzo do Rego e mais de um quase esganou quando relatei que o cismático, numa festa de cavallhada em Santo Amaro, apareceu de cabra toda no cetim e lenço de moça no pescoço. Lá para as tantas, a bicha perdeu a compostura e desatou no pé. [...] Falei franco a Quintanilha, que requereu minha presença em Festa de Santo Amaro, numa cavallhada onde eu sempre aparecia na melhor pata e na sela mais ostentosa (1973, p. 44).

Atualmente ainda é possível encontrar cavallhadas que persistem em vários Estados do Brasil. Na região Norte destaca-se a de Bragança, no Pará. No Nordeste, muito conhecidas são as realizadas nos municípios de Murici e de Paripueira, em Alagoas. Já na região Centro-Oeste, a de Pirenópolis, entre outras no Estado de Goiás; em Mato Grosso, a de Poconé. Na região Sul, as mais conhecidas são as Guarapuava, no Paraná, e as de Santo Antônio da Patrulha e São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul. Na região Sudeste, sobressai, em Minas Gerais, a de Ponte Nova; em São Paulo, a de São Luís do Paraitinga e a de Franca; no Estado do Rio de Janeiro, o único grupo, ainda em atividade, apresenta-se no município de Campos dos Goytacazes.

As cavallhadas no Brasil ainda são mantidas, muitas vezes, por proprietários rurais ou pessoas a eles ligadas por laços de parentesco e amizade, e isso não é diferente na cavallhada de Santo Amaro. Essa manifestação acaba sendo um acontecimento de importância na vida cotidiana do local onde ela se apresenta, fortalecendo os laços de solidariedade. Sendo assim, mesmo as pessoas que não têm participação direta no evento projetam-se procurando ajudar, seja emprestando cavalos, financiando as vestes, confeccionando flores, fazendo bordados entre outros.

Historicizar as raízes culturais da cavallhada, ressaltando o seu processo de difusão, traz o entendimento desde a origem nos jogos medievais, até sua propagação no território brasileiro com a colonização portuguesa. Essas reflexões propiciam compreender a cavallhada de Santo Amaro na atualidade, pois esta é uma manifestação secular que se mantém viva.





## Um pouco da história do povoado de Santo Amaro



O surgimento da cavalhada na Baixada Campista está atrelado ao processo histórico de ocupação pelos colonizadores portugueses. Segundo Feydit (1979), a colonização da capitania da Paraíba do Sul começou no início do século XVI, pelo Norte, com a fundação do povoado da Vila da Rainha, por Pero de Góes, na foz do Rio Itabapoana. Porém, com o fracasso dessa tentativa de colonização, as terras da capitania ficaram abandonadas por aproximadamente setenta anos, até que, em 1629, os sete capitães, por decisão judicial, conseguiram a posse e o direito de sesmaria para a região, começando, então, a ocupação das terras da Baixada Campista com a criação de gado a partir da Lagoa Feia, ao Sul da Foz Rio Paraíba do Sul.

De acordo com os manuscritos de Couto Reys,<sup>19</sup> os capitães e seus herdeiros começaram a levantar currais, com uma abundância de gados e cavalgadas, nos amplos pastos da planície dos índios goytacazes. Em 1652, a implantação do Solar do Colégio marcou o ciclo jesuítico na Baixada Campista. Em meados do século XVII, os engenhos de açúcar começaram a se multiplicar e consolidar a povoação de São Salvador, com uma forte influência da ordem beneditina, instalada no Mosteiro de São Bento. Foram, então, os Beneditinos e os Jesuítas os detentores de grande parte das terras da Baixada Campista. Essas terras eram intensamente disputadas por estas ordens religiosas.

No ano 1648, o Mosteiro recebeu do donatário na capitania quarenta braças de terra onde atualmente se situa a sede do Distrito de Santo Amaro, e, segundo documentação do Mosteiro, a primeira capela erguida no povoado data de 1735, sendo que a imagem mais antiga de Santo Amaro chegou a Vila de São Salvador<sup>20</sup> por volta do ano de 1790. No entanto, existe uma lenda que os moradores da baixada contam quanto à origem do poder de Santo Amaro e da construção de sua capela:

Contam os moradores que os padres beneditinos haviam trazido uma imagem de Santo Amaro do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, para a subsele de Campos dos Goytacazes. Certo dia, eles procuraram a imagem e não a encontraram. Após muitas buscas foram localizá-la num pequeno elevado, onde hoje está construída



<sup>19</sup> COUTO REYS, Manuel Martins. Manuscritos de Manuel Martinz do Couto Reys, 1785. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

<sup>20</sup> A Vila de São Salvador dos Campos foi criada em 29 de maio de 1677 (Ato de 2 de setembro de 1673). Só em 1833, foi criada a comarca de Campos e, em 28 de março de 1835 (Lei Provincial nº 6), a Vila foi elevada à categoria de Cidade com o nome de Campos dos Goytacazes.

a igreja do Santo. Recolheram a imagem para o mosteiro e o fato é repetido por muitas vezes mais. Desta insistência admitiram os padres e os moradores que o Santo queria ter sua igreja naquele local. Aí construíram, sob os auspícios dos moradores, uma capela, tendo início ou estimulando a criação do povoado. Decorre desta época a crença na mensagem e desejo do Santo de proteger a população local (NEVES, 1980, p.13).

A centralização em torno do poder miraculoso do Santo possibilitara, assim, a conquista do território e a agregação da população em torno das atividades religiosas, e ampliara a hegemonia política dos padres beneditinos e do donatário. Como as terras do Mosteiro se estendiam por uma faixa litorânea que ultrapassava a própria Capitania, posteriormente essa influência ultrapassou os limites político-administrativos, alcançando municípios como Campos, São João da Barra, Quissamã e Macaé.

Delma Pessanha Neves<sup>21</sup> descreve que, a partir de 1873, com a construção da Estrada de Ferro até São Sebastião e o tráfego de carros de bois até Santo Amaro, ocorreu uma maior facilidade para os fiéis que residiam em Campos comparecerem à Festa de Santo Amaro. Em 1910, com a inauguração da linha de ferro até Santo Amaro, os devotos começaram a poder ir e voltar para a festa no mesmo dia. O século XX correspondeu ao predomínio da cultura da indústria sucroalcooleira no Município de Campos até a década de 1970, e a partir da década de 1980 ocorreu um declínio nessa atividade. Com isso, a indústria ceramista tomou um novo impulso, tornando-se atualmente uma das atividades econômicas mais significativas da Baixada Campista.

A autora destacou que os elementos das atividades cotidianas dos grupos estruturalmente situados nas relações sociais subjacentes à vida social do povoado de Santo Amaro incluem atores sociais que participam da festa. Ela apontou como principais participantes os usineiros, os plantadores de cana, os lavradores de cana, os pequenos produtores de cana e os trabalhadores rurais. Os usineiros representavam um polo dominante da produção e exerciam um poder hegemônico entre as classes presentes no cotidiano do Distrito de Santo Amaro. No entanto, trinta anos após os estudos da autora, devido à decadência da indústria açucareira na baixada, outra classe, a dos ceramistas, conquistou poder entre os estratos sociais envolvidos na organização da festividade, que tem como marco a encenação da cavallhada de Santo Amaro.



## Na festa de Santo Amaro



*A festa é muito antiga aí vieram fazer pergunta pra mim e eu falei (risos) meu amigo eu tô com 45 anos e não tem como explicar 251 não! É um troço muito antigo! (risos)*

*Capitão Mouro*

Observar uma festa popular como a de Santo Amaro é sem dúvidas um grande exercício. O povo se espalha pelos “espaços”, seja em torno da igreja, na praça, no barzinho da esquina, nas barraquinhas e no campo onde acontece a cavallhada. Cada um desses “lugares” possui um significado, já que as pessoas vão à festa por motivos diferentes, seja para pagar promessas, visitar parentes, assistir missas, assistir à cavallhada, entre outros. Porém o mais interessante da festividade é quando se “perde” a referência entre o sagrado e o profano, é o momento em que “o povo se mistura”, no qual se percebe a essência das festas populares, isso é, o que o povo cria e recria.

**Figura 3: O povo se espalha durante a Festa de Santo Amaro.  
Ao fundo a igreja do padroeiro**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

A apresentação da cavallhada, dentro da parte recreativa da festa, tem esse significado, já que no público misturam-se quem vai à festa só para se divertir, mas também aqueles que vão para pagar promessas, além dos vendedores ambulantes, os moradores locais, os moradores de outras localidades da Baixada, da sede de Campos, de outros municípios e até de outros Estados. Estão presentes mulheres, homens, idosos, jovens e crianças, no mesmo espaço, aplaudindo os cavaleiros da cavallhada.

O escritor campista Waldir Carvalho, nascido e criado em um povoado próximo a Santo Amaro, descreve em seu livro “Se não me trai a memória” algumas lembranças das festas de Santo Amaro de antigamente:

Grande parte da população brasileira costuma cultuar os seus santos padroeiros a quem devota, no seu dia, grandes homenagens. Nós, da Baixada, comemoramos a cada dia 15 de janeiro o dia de Santo Amaro, ocasião em que se reúnem, vindos das mais diferentes regiões, filhos do local para rever parentes, devotos para pagar promessas e turistas pelo fascínio que a festa proporciona. Guardo dela grandes recordações. [...] no passado havia um “que” de especial. Na véspera o trem chegava com vagões extras transportando além de grande número de fiéis, o Festeiro e uma banda vinda de Campos que podia ser Apolo ou Guarani. Nesse instante, ouvia-se o badalar dos sinos da Igreja e os foguetes começavam a subir, escapando no ar, dando início à Festa (CARVALHO, 2003, p. 49).



Ele destaca que muita coisa mudou e outras ainda permanecem. Se o trem atualmente não faz parte da paisagem, os devotos, a banda de música, o badalar dos sinos e os fogos ainda se fazem presentes na festividade. A festa de Santo Amaro é uma das mais antigas e mais importantes que ocorrem no município de Campos. Os campistas, principalmente os que residem na Baixada, têm muito orgulho de manter esta tradição. É instigante estar na festa, “abrir os olhos”, e perceber no que se transformou esse evento nos dias atuais.

A festa inicia-se uma semana antes do dia 15 de janeiro. Neste dia, todo o entorno da praça já está enfeitado por bandeirinhas presas em bambus, barraquinhas de artesanato, de artigos religiosos, como também de muambas, de comidas e bebidas, que se encontram espalhadas pela praça. A igreja fica enfeitada com muitas flores e repleta de fiéis que entram e saem pagando promessas e depositando ex-votos<sup>22</sup>, aos pés da imagem de Santo Amaro.



<sup>22</sup> Do latim *votum*, coisa prometida. “O que se promete deve ser pago”, diz o ditado. Ex-voto é o que se promete ao santo de devoção para se receber a graça, ou o que se oferece por tê-la alcançado. Um ex-voto pode ser: vela, foto, flor, partes do corpo feitas em cera, barro ou madeira e outros objetos (CASCUDO, 2002).

**Figura 4: Na “sala dos milagres”, aos pés da imagem de Santo Amaro, os ex-votos feitos de cera. Ao fundo, fotos e outros objetos oferecidos ao Santo**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

No domingo que antecede o dia 15 de janeiro ocorre a “cavalgada”, uma espécie de procissão a cavalo, que conta com a participação de muitos cavaleiros da Baixada Campista e com alguns participantes e ex-participantes da cavalhada, além de mulheres e crianças.

Todo ano a cavalgada sai de uma determinada cerâmica da Baixada. Os cavaleiros percorrem um trecho desde a cerâmica escolhida até a Igreja de Santo Amaro, onde se reúnem. Nesse momento os ceramistas e os produtores rurais aproveitam para fazer sorteios de brindes para os cavaleiros. É importante apontar que depois que a economia agro-açucareira entrou em declínio, os ceramistas passaram a assumir um importante papel no setor econômico da Baixada; no entanto, não com a mesma “pompa” dos usineiros e dos grandes proprietários, que exerciam estrategicamente uma grande influência na festa. O relato de Dona Conceição descreve a “disputa” que existia entre os festeiros de antigamente:

*Aqui tinha um povo rico, fazendeiros, tinham gado, eles matavam carneiro, matavam dois...era muita fartura! [...] Olha... de Quissamã, teve época de vir vinte ônibus de romeiros [...] antigamente a gente não se preocupava porque os festeiros podiam e cada um queria dar melhor do que o outro, um queria fazer mais do que o outro.*

(Outubro, 2010)

Durante a semana da festa, depois da novena, o público se dirige para o rodeio, em que alguns membros de destaque da comunidade são apresentados na abertura, além dos peões, inclusive os capitães da cavalhada. No dia 14 por volta das 8 horas da noite, após o último dia da novena, a Igreja e a praça ficam repletas de visitantes, para o “levantamento do mastro da festa”, que tradicionalmente sai da casa do festeiro. Este oferece salgadinhos e refrigerantes para pessoas concentradas em frente a sua casa, aguardando o momento de “levar o mastro” em um cortejo até a praça. A banda de música “Lira de Santo Amaro” vai à frente anunciando.

**Figura 5: Mastro da Festa de Santo Amaro**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

O mastro é erguido por alguns homens, e um deles desata o “nó do mastro”; o segredo deste nó é tradicionalmente mantido, no entanto, o senhor que detém este segredo já está ensinando-o para o seu filho, para que ele dê segmento à tradição. Depois de erguido o mastro, um foguetório anuncia mais uma festa de Santo Amaro. Após esse momento, acontece o leilão, e segundo relatos de um antigo festeiro:

*O leilão antigamente era de pequenas prendas, uma pequena quantia em dinheiro, uma broa de milho, uma toalha bordada, as meninas iam, acompanhadas pela banda de música, passando de casa em casa, segurando uma toalha branca, pedindo prenda para o leilão.*

(Janeiro, 2011)

Em seu estudo, Delma Pessanha Neves<sup>23</sup> analisou o leilão na festa de Santo Amaro, em meados da década de 1970, no auge da economia sucroalcooleira, e o considerou como uma forma de competição, expressão e legitimação de poder, quando as pessoas possuidoras de recursos financeiros eram “provocadas” publicamente a ofertar lances de compra mais altos. Atualmente, o leilão não acontece mais desta forma. Ele representa uma oportunidade de oferecer gratificação para a cavalhada e para a igreja, não sendo mais uma demonstração explícita de poder. Segundo os capitães da cavalhada, o leilão levou um tempo sem acontecer e, atualmente, os mesmos trouxeram esse evento de volta para obter recursos para a cavalhada e para a igreja. Isso pode ser observado na fala do Capitão Mouro, Joel:

*O dinheiro do leilão é uma responsabilidade minha e de Miguel, por que o leilão foi [...] o leilão já tinha acabado, mas só que nos gastos que a gente tinha, muitos proprietários vinham me ajudar, doando um bezerro, essas coisas. Foi onde que o leilão agora é responsabilidade nossa, que tem que pagar as despesas, cobrir as despesas e o resto a gente solta pro padre.*

(Janeiro, 2011)

No leilão os capitães adquirem as prendas, que atualmente são: bezerros, cabritos, búfalos, bicicletas, etc. Os animais vão sendo apresentados, um a um, na arena do rodeio, guiados pelos capitães. Eles relataram que as contribuições do leilão são repartidas entre a cavalhada e a igreja. Um antigo festeiro contou que a festa mudou muito: os “novos tempos” trouxeram a necessidade de uma festa mais aprimorada. Assim, vieram os shows e companhias de rodeio, o que requer mais dinheiro e apoio da prefeitura para toda a estrutura.

Segundo este senhor, toda esta mudança “*fez a festa pagar um preço de ser submissa à prefeitura*”, pois um festeiro, sozinho, não consegue mais organizá-la. Até porque, como foi apontado anteriormente, os antigos festeiros

<sup>23</sup> NEVES, Delma Pessanha. *Pompa e Circunstância: Análise do aspecto político do sistema de relações sociais subjacente a uma festa católica*. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro: UFRJ, n. 35, jan, 1980.

tinham um maior poder aquisitivo. Ele contou também que se o festeiro não for aliado ao prefeito que está no poder a festa “não acontece”. Essa fala demonstra que se não houver uma aliança de interesses entre a comissão de festa e os representantes do poder público (prefeitura), torna-se moroso conseguir os recursos necessários para a realização do evento.

Durante toda a madrugada do dia 15, a igreja de Santo Amaro fica repleta de visitantes, pois a todo o momento chegam muitos romeiros que vêm de uma tradicional caminhada a pé da Sede de Campos até o Distrito de Santo Amaro (aproximadamente 40 km). Uma missa é rezada às 3 horas da manhã; às 5 horas da manhã ocorre a alvorada, com uma queima de fogos no amanhecer do dia do padroeiro, Santo Amaro. A banda de música percorre as ruas, acordando e convidando o povo para a festa. Toda casa que tem em sua frente uma vara de bambu com uma bandeira colorida é de moradores que acompanham a alvorada pelas ruas, onde esperam a banda passar na frente de suas casas para acompanhá-la. Quanto à banda de música, o Capitão Cristão relembra:

*A banda esteve acabada, agora a gente mesmo com os trancos e barrancos a gente está vendo a banda aí... Essa banda quase que acabou, em uma época há uns tempos atrás aí...uns 30 anos. Teve acabando mesmo, reduziu aí a uma meia dúzia de músicos só. Não tinha instrumentos, não tinha quem comprasse e quem ajudou muito foi aquele... Que faleceu Doutor Edson.*

(Janeiro, 2011)

O relato demonstra que a banda ficou muito enfraquecida, quase chegando a se desfazer, devido à falta de recursos, mas contou com o apoio de membros da comunidade para se reerguer. Por isso é tão difícil discutir preservação quando estão em jogo as manifestações populares, pois a cultura popular pode nascer ou morrer no cerne do próprio povo.

Durante todo o dia 15 ocorre muita movimentação nos entornos da igreja de Santo Amaro. Algumas missas são realizadas, e os devotos pagam suas promessas acendendo velas e depositando ex-votos aos pés de Santo Amaro, conhecidos pelo povo da baixada como “milagres”. Por volta das 10 horas da manhã, os fogos anunciam a chegada dos romeiros de Quissamã e Carapebus, que acenam bolas coloridas nas janelas dos ônibus e desfilam pelas ruas acompanhados pela banda musical. No dia da festa as casas ficam cheias, pois muitas pessoas vão visitar parentes e amigos em Santo Amaro. Neste dia em muitas casas são realizados grandes almoços para receber muitos convidados. Desse modo, a festa se apresenta como:

*A ocasião de os parentes, com residência no povoado, receberem a visita daqueles que estão distantes. [...] Nas vésperas do dia principal da festa, estas famílias, residentes fora do povoado, vão chegando e as relações familiares são vivificadas. Nesse sentido, a festa de Santo*

Amaro é a consolidação de inúmeras festas familiares, que se passam na casa de cada unidade doméstica que aí reside. O predomínio destas famílias é dado pelas obrigações de (elas) receberem a todos, fornecerem alimentos e acomodações (NEVES, 1980, p.20).

As festas de cada família acompanham o mesmo ciclo de preparação da festa comunitária. A praça onde esta se desenrola passa a ser uma extensão das próprias casas; além disso, os moradores locais oferecem ajuda aos romeiros que não têm parentes no local, oferecendo água, comida etc. Essas relações sociais ainda são vivenciadas, e a fala de Dona Conceição corrobora essa observação:

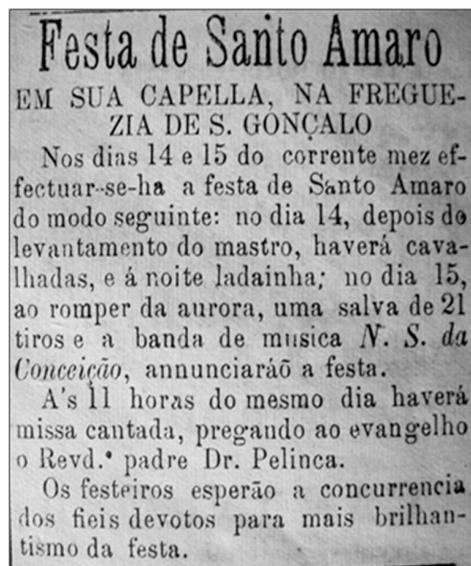
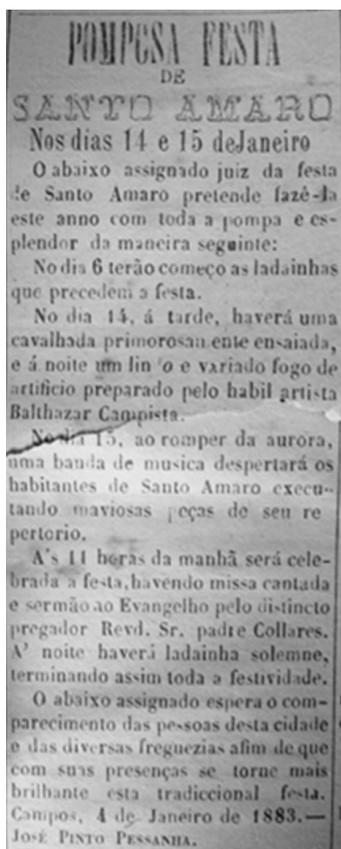
*No dia da festa eu tomo rua, mas a porta da minha casa fica sempre aberta para quem quiser entrar, mesmo sem ver a dona. [...] Tem água, tem café, para quem quiser. A gente não tem medo, pode vir quatro, pode vir dez, pode vir quinze, a gente não tem medo.*

(Outubro, 2010)

Um dos momentos mais esperados da parte recreativa da festa é sem dúvidas a apresentação da cavalhada de Santo Amaro. Na memória do grupo que a promove, não se sabe ao certo em que ano ela começou. No entanto, os Capitães da cavalhada, que são os mestres que detêm o maior conhecimento desta, relataram que em toda Baixada Campista era muito comum se apresentar à cavalhada, e isso se estendia até mesmo para o atual município de Quissamã, cujo território no passado já pertenceu a Macaé e a Campos. Sobre esse aspecto, Neves (1980) destaca que os moradores da Baixada percebem esse espaço como “Nossa Região”. É importante observar que o sentimento de pertencimento do morador da Baixada se estende além dos limites político-administrativos municipais, abarcando as áreas de fronteira com outros Municípios, como São João da Barra e Quissamã. Isso corrobora o fato dos cavaleiros da cavalhada não serem apenas de Santo Amaro, pois suas famílias pertencem a várias localidades próximas.

Como foi apontado anteriormente, o registro mais antigo de uma cavalhada realizada na Baixada Campista ocorreu em 1730. Outros relevantes registros, estes já especificamente da cavalhada em Santo Amaro, estão no Jornal Monitor Campista, que desde meados do século XIX publicava notas convidando a população para a festa de Santo Amaro e para a sua cavalhada primorosamente ensaiada. Mas na memória dos moradores locais, essa noção temporal é um tanto incerta, pois o que importa é o ato de ser passada de geração em geração, como uma tradição oral.

**Figura 6: Fragmentos das notas do Jornal Monitor Campista, convidando a população para a Festa de Santo Amaro**



Fonte: *Jornal Monitor Campista* de 12 de Janeiro de 1883 e 8 de Janeiro de 1884

A Carta do Folclore<sup>24</sup> de 1951 apresenta que, para ser considerado folclore, um determinado “fato” deve ter características próprias, aceitação coletiva e anonimato. É algo que não se sabe por quem foi criado. Em alguns casos, pode ter origem na cultura erudita e ter alcançado as camadas populares através da aceitação coletiva. Essa observação reforça a questão do grupo que promove a cavallhada de Santo Amaro não possuir referências de quando se iniciou efetivamente essa encenação na Baixada Campista; no entanto, a de Santo Amaro permaneceu como parte profana da Festa, na visão da Igreja. Quanto a esse aspecto, o Capitão Mouro relembra:

<sup>24</sup> Documento produzido em 1951, graças a uma ampla movimentação em torno do folclore no Brasil. Nesta carta encontra-se a definição de fato folclórico, além de fundamentos, normas e princípios que deveriam orientar as atividades que envolvessem o folclore no território nacional (FRADE, 2005).

*A cavalcada antigamente não era na praça era lá pra dentro...(risos) você sabia disso? Era escondido e sabe onde a gente ia ensaiar? Lá em Ponto de Coqueiro! Tá vendo só! A festa era aqui e a gente ensaiava lá em Ponto de Coqueiro! Eu tinha um tio que ia a pé até lá...e ainda carregando duas varas de bambu! Vou dizer...é gostar muito! Que amor que ele tinha! Ele morreu coitado...vindo de um ensaio de cavalcada a pé...ô raça danada!*

(Janeiro, 2011)

Embora os representantes da Igreja afirmem que a cavalcada seja uma parte profana da festa, o grupo que a promove menciona que um dos fatos para fortalecer a sua continuidade se deve à devoção a Santo Amaro. O Capitão relatou que a cavalcada antigamente não era apresentada no campo ao lado da praça, isso no tempo em que o seu pai ainda jovem participava. Era apresentada em uma propriedade próxima, mas os ensaios aconteciam em uma localidade mais distante denominada “Ponto de Coqueiro”. Ele contou ainda que na localidade de São Martinho também se apresentava uma cavalcada, mas realizada por outro grupo, com capitães diferentes da de Santo Amaro. Com o falecimento de um capitão, o grupo de São Martinho se desmotivou. Entretanto, os antigos participantes da cavalcada de São Martinho resolveram “resgatar a tradição” depois de muitos anos, convidando o grupo da cavalcada de Santo Amaro para se apresentar na festa de São Martinho, comemorada no dia 11 de novembro.

*A cavalcada na minha vida toda não tem como dizer quantas eu corri, é incalculável! (risos) Incalculável, porque a gente não corria só aqui não...corria em Santo Amaro, São Martinho, Campo Novo de Cacimba, eu corri lá...foi a primeira cavalcada que eu corri foi lá em São Martinho. O Sr. Amaro Matilde disse que tava faltando um cavaleiro, aí ele disse assim: “Preciso de você!” Aí foi assim que eu corri a primeira cavalcada, eu tinha uns 14 anos e foi na Festa de São Martinho, depois que eu corri em Santo Amaro.*

Capitão Mouro (Janeiro, 2011)

Quanto à apresentação da cavalcada na festa de Santo Amaro, esta se inicia por volta das duas horas da tarde após o término de uma missa. A encenação dura aproximadamente três horas. Às dezoito horas o badalar dos sinos marca o início da procissão, que é seguida por muitos fiéis, na qual os Capitães da cavalcada fazem questão de levar o andor de Santo Amaro, motivo de muito orgulho para eles. A procissão é acompanhada pela banda musical “Lira de Santo Amaro”, que percorre as ruas no entorno da praça, tocando o tradicional hino “Queremos Deus”.

Não é possível falar da cavalcada de Santo Amaro desmembrando-a da festa, pois ambas se entrelaçam. A festa de Santo Amaro guarda peculiaridades que fazem dela uma das mais significativas do Município de Campos dos Goytacazes. Estar presente nessa festividade foi não somente a oportunidade de conhecer, mas de permitir observar, sentir, interpretar e, porque não, “respirar” a cultura popular.



---



## Conhecendo a Cavalhada de Santo Amaro

---



*A cavalhada é tudo na Festa de Santo Amaro. O meu sogro corria cavalhada e era o capitão número um! As pernas dele eram espichadinhas, você tinha que ver a manobra que ele fazia! Ele não fazia uma curva no corpo, todo mundo até caçoava dele que ele fazia aquilo para se exibir! [...] O importante de tudo no cavaleiro é o porte dele!*

Dona Conceição (Outubro, 2010)

### ***A Motivação para ser Cavaleiro***

A motivação para ser um cavaleiro vem de geração em geração. As crianças, ainda bem pequenas, já têm o “gosto” para lidar com os cavalos. Em seus relatos, Joel Costa (Capitão Mouro) conta como esta manifestação é transmitida entre os membros da comunidade de Santo Amaro:

*Os meninos, eu me sinto assim, que eles vê a tradição da cavalhada antiga, como que a gente vem correndo, que gosta de andar a cavalo. Que não adianta dizer que a gente está ali por esporte! Não é não! Porque é um amor que a gente tem que gosta! Tem que dedicar aquilo! [...] Tem muitos garotos aí que a gente tá vendo, porque é uns que andam a cavalo... que gostam do evento! Para escolher um garoto para a cavalhada é o seguinte: tem que tá no ritmo da cavalhada, no ritmo de montar em um cavalo bravo, pronto pra levar um esbarro!*

(Janeiro, 2011)

Quando o capitão fala que para ser cavaleiro é necessário estar “pronto para levar um esbarro”, ele não quer apenas se referir a um esbarro de um cavalo. Ele também quer dizer que o jovem não pode ser medroso e ficar desestimulado por qualquer erro que ele venha a cometer, porque para “estar no ritmo da cavalhada” o jovem deve ter iniciativa para treinar, além de ter que conviver com os cavaleiros mais velhos, sabendo reconhecer seus erros, tendo que ser persistente para continuar treinado. Ser um cavaleiro, como enfatizam os capitães, é um orgulho, a comunidade muito os respeita. Foi interessante observar que, durante todo o ano, os moradores de Santo Amaro se referem aos Capitães da cavalhada não pelos seus nomes: fazem questão que chamá-los por “Capitão”. É assim que são reconhecidos, eles têm um “status”, pelo fato de terem chegado ao posto mais “alto” da cavalhada e deterem o maior conhecimento desta. O orgulho de ser cavaleiro pode ser observado no relato de Miguel, o Capitão Cristão:

*Ser cavaleiro é um orgulho né? Não resta a menor dúvida que a comunidade sempre nos apoia, vê a gente como outras pessoas, que toma conta da cavallhada que é muito importante para Santo Amaro, para a comunidade, então, o pessoal da comunidade apoia muito a gente, demais [...] Quando a gente participa assim de alguma coisa que a gente gosta, a gente quer ser importante, receber algum elogio.*

(Janeiro, 2011)

Uma questão muito reforçada pelos capitães durante as entrevistas refere-se à tradição e a herança cultural de passar a função de cavaleiro de geração em geração. Nas considerações de Carlos Rodrigues Brandão<sup>25</sup>, uma característica aceita quanto ao folclore é a questão da transmissão de pessoa a pessoa, de grupo a grupo, de uma geração a outra, oralmente, por imitação. O Capitão Mouro, Joel, refere-se ao apoio de sua família, que segundo ele, sempre esteve envolvida com a cavallhada:

*A cavallhada pra mim, que eu já venho acompanhando a um bocadinho de anos...e veio a tradição da família Costa e meu avô ajudando, né? Ele nunca correu! Mas ele ajudava na cavallhada, depois veio meu pai e meus tios. Agora tá eu e meu filho, pra mim é muito importante! Porque graças a Deus é um troço que eu faço com maior orgulho, procuro chamar os companheiros, os colegas de fora. Aí vem gente de todas as localidades com a gente aqui e...eu acho que esse evento da cavallhada, enquanto eu puder ajudar e achar que deva amanhã ou depois ter um que tenha uma responsabilidade de panhar essa cavallhada e não deixar essa tradição cair eu concordo com tudo. Pra mim é um orgulho!*

(Janeiro, 2011)

Outro fator importante quanto à motivação é a relação de parceria entre os Capitães, já que por serem os mestres, “os meninos”, como eles chamam os outros cavaleiros, têm que respeitá-los e se espelharem na amizade deles. Eles destacam que se essa amizade enfraquecer, o grupo também acaba se enfraquecendo. Se orgulham em dizer que estão há quinze anos como Capitães:

*Graças a Deus eu me sinto muito orgulhoso de estar onde eu estou eu e Miguel. Não é só por mim não, é por ele também, porque tem hora que eu fico em dúvida e pergunto a ele, porque a obrigação minha é perguntar a ele. E graças a Deus a gente até hoje [...] Nós fizemos um papel que eu acho que nem um dos capitães antigos chegaram até onde nós estamos chegando! 15 ANOS de batalha de responsabilidade juntos! Não é 15 dias não! E, portanto eu digo assim, que muita gente diz assim: “O Capitão é carrasco”. Mas nós pegamos a cavallhada num momento difícil, mas graças a Deus que eu encontrei um amigo!*

Capitão Mouro (Janeiro, 2011)

Enquanto contavam que a união do grupo fortalece a motivação para ser cavaleiro, o Capitão Mouro lembrou, quando começou a correr a cavallhada na posição do 12º cavaleiro, o último da fila, pois é onde geralmente os mais novos começam a participar do evento:



<sup>25</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Que é Folclore*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

*Eu comecei a correr no último lugar, que é um lugar que eu preservo muito na cavalhada. O último cavaleiro pra mim é a maior honra tá naquele lugar! Porque ali você tá correndo despreocupado, né? Corre despreocupado. Se você fizer o que você sabe e acompanhar os outros, acabou! Mas quando você panha lugar cá na frente de Capitão, ô! A responsabilidade é você e 23 cavaleiros a mais! É muita responsabilidade puxar uma cavalhada!*

Capitão Mouro (Janeiro, 2011)

Então, continuam narrando de que forma devem ser “os meninos”, para tornarem-se cavaleiros:

*O cavaleiro tem que saber dominar o cavalo, segurar um pulo de um cavalo! Você tem que acompanhar o estilo do cavalo! Tem que ter destreza! Os braços têm que ser garrados! Tem que ter firmeza. Não pode andar em cima de um cavalo balançando as asas! Igual um saco de batata doce! Eu fico reto com o braço sem balançar! O cavaleiro não pode ficar solto em cima do cavalo! Porque se o cavalo der um pulo ele sai! [...] Tem que levantar a postura, não é esconder a postura não! Eu falo isso muita gente fala que eu tô exigindo..fala que dá a pouco o Capitão não quer que ninguém corra. Mas não! Se deixar na “moda Bangu”, ô... Não pode! É uma batalha! É uma apresentação!*

Capitão Mouro (Janeiro, 2011)

O “porte” do cavaleiro é sempre muito exigido pelos Capitães e por outras pessoas envolvidas na cavalhada. Os pais, tios e padrinhos dos cavaleiros fazem questão de ajudar os capitães nos ensaios, gritando sempre: “Levanta a postura!”. Portanto, para ser cavaleiro, é preciso muita dedicação, pois a cavalhada é uma apresentação longa e perigosa, que exige muita destreza com o animal. Por isso os ensaios são essenciais.

No ano de 2010, os Capitães e um dos organizadores da cavalhada optaram por realizar a “cavalhada mirim”, uma cavalhada só de crianças e jovens. Segundo eles a realização desta, apesar de todo o trabalho, foi extremamente importante, já que é preciso treinar os futuros cavaleiros. O seu primeiro ensaio foi muito interessante, pois os capitães ensinaram todas as manobras a pé, antes que os meninos treinassem com os cavalos.

*A cavalhada mirim já teve em Santo Amaro. Há muitos anos atrás, fizeram essa cavalhada mirim. Portanto Miguel, o Capitão do lado azul, participou dessa cavalhada, foi feita pelo seu Amaro, isso eu me lembro [...] Há muitos anos, uns 25 anos atrás. Mas só que isso nunca foi documentado. Nós hoje e inclusive você está inclusa Gisele, que documentamos uma cavalhada mirim. [...] A cavalhada precisa de um incentivo e se a gente não investir na base que são as crianças nós não vamos conseguir ter essa cultura viva, na nossa localidade de Santo Amaro que é a cavalhada. Eu acho que hoje essas crianças com a cavalhada mirim, já começam a ter uma mentalidade melhor, de um dia melhor, de uma cultura melhor. Eu acho que resgatando e mostrando essa cultura, as pessoas vão entender que temos que continuar cultivando!*

Fernando, Organizador da Cavalhada (Fevereiro, 2011)

### Figura 7: Os pequenos aprendizes da cavallhada mirim de Santo Amaro



Fonte: Foto da autora, junho de 2010

A cavallhada mirim ocorreu na festa do Sagrado Coração de Maria, que é realizada no mês de junho. O grupo que a organiza têm uma grande preocupação com a formação e treinamento de novos cavaleiros, pois estes são a base para a continuidade da cavallhada. Assim, é como se fosse uma preparação para a cavallhada de Santo Amaro. Ao observar os treinos da cavallhada mirim, foi possível acompanhar uma transmissão de saberes, de forma oral, sem livros, cadernos e apostilas; mas com a sabedoria dos capitães, um saber que está na memória, que é passado pela “boca do povo”.

### *Os Domingos de Ensaio*

*Você está vendo que a cavallhada é um troço complicado que a gente tem um tempo que a gente fica ensaiando, que tem momento bom tem momento ruim, que muita gente procura ajudar como tem proprietários de cavalos [...] eu corro e peço ajuda!*

Capitão Mouró (Janeiro, 2011)

Os principais preparativos para a cavallhada de Santo Amaro se iniciam, geralmente, no mês de novembro, quando os cavaleiros se reúnem para organizar tudo o que é necessário para a sua realização. Nessas reuniões eles discutem sobre quais cavaleiros estão aptos para correr, e, também, quantos e quais dias serão necessários para os ensaios.

Nos ensaios os capitães corrigem os cavaleiros, organizam os pares para as manobras, como também a posição em que vão correr. Isso tudo varia muito até o último ensaio, pois para obter uma boa posição vai depender do tempo que o cavaleiro corre e também do seu empenho nos treinos.

**Figura 8: Cavaleiros e familiares se organizam no campo onde se realizam os ensaios da cavalhada**



Fonte: Foto da autora, novembro de 2010

**Figura 9: Cavaleiros no momento do ensaio em uma tarde de domingo em Santo Amaro**



Fonte: Foto da autora, dezembro de 2010

Atualmente não é possível fazer muitos ensaios como antigamente, quando os cavaleiros praticamente não saíam da Baixada para trabalhar fora e os treinos começavam três meses antes da festa. Segundo o Capitão Mouro, agora não dá mais para ser assim, já que alguns cavaleiros trabalham em Campos, estudam, trabalham embarcados etc. *“Dois meses antes da festa a gente vai se organizando e tal...o ensaio não pode fazer muito também não, a turma toda correu em São Martinho! Então já tá ensaiando!”*. A tabela a seguir mostra o grupo de cavaleiros diferenciados pelas profissões que exercem no dia a dia. Eles são apresentados pela ordem em que correram a cavallhada, desde o Capitão, que é o 1º cavaleiro, até o 12º cavaleiro de cada partido.

**Tabela 1: Cavaleiros que participaram da cavallhada de Santo Amaro em 2011**

<b>Mouros</b>	<b>Cristãos</b>
1º Cavaleiro (capitão) - Campeiro	1º Cavaleiro (capitão) - Caminhoneiro
2º Cavaleiro - Mecânico de Manutenção	2º Cavaleiro - Motorista
3º Cavaleiro - Lavrador	3º Cavaleiro - Açougueiro
4º Cavaleiro - Estudante	4º Cavaleiro - Servente
5º Cavaleiro - Servente	5º Cavaleiro - Campeiro
6º Cavaleiro - Estudante	6º Cavaleiro - Motorista
7º Cavaleiro - Servente	7º Cavaleiro - Produtor Rural
8º Cavaleiro - Segurança	8º Cavaleiro - Pequeno Produtor
9º Cavaleiro - Produtor Rural	9º Cavaleiro - Operário
10º Cavaleiro -Estudante	10º Cavaleiro - Estudante
11º Cavaleiro -Estudante	11º Cavaleiro - Estudante
12º Cavaleiro -Estudante	12º Cavaleiro - Estudante

Fonte: Elaborado pela autora



Percebe-se que atualmente nem todos os cavaleiros trabalham em atividades rurais, como era comum nas cavallhadas de antigamente. Por isso, o capitão prefere não realizar quatro meses de ensaio, que, segundo ele, antes eram exigidos. É interessante mencionar que as últimas posições quase sempre são preenchidas por cavaleiros mais jovens e estudantes. Um ponto a destacar é que a festa de São Martinho, em novembro, é “aproveitada” como um momento para reunir o grupo com o intuito de se preparar para a cavallhada de Santo Amaro, além de ser uma oportunidade de treinar os cavaleiros mais novos: *“para o ano eu e Miguel não vamos correr de capitão na cavallhada de São Martinho, vamos ficar só organizando, acho que vamos botar os nossos filhos para puxar...pra ir treinando!”* (Capitão Mouro, 2011). Com esta fala, fica evidente a preocupação dos capitães em passar os ensinamentos para os seus filhos, a fim de que tenham a destreza necessária para que um dia possam ocupar o seu lugar.

No início de cada ensaio, os capitães fazem uma chamada, pois se o cavaleiro tiver mais de duas faltas é excluído, portanto a presença é fundamental. Várias pessoas assistem aos treinos, dentre estes, familiares, amigos, donos de

cavalos e ex-cavaleiros. Eles ajudam os capitães a decidirem o que é necessário melhorar. Os capitães observam individualmente cada cavaleiro, corrigindo-os. As manobras devem ser feitas preferencialmente com as pernas alongadas e os braços bem esticados, mantendo uma boa postura.

Os cavaleiros ensaiam com os mesmos cavalos que vão correr no dia da cavalhada, pois o animal tem que estar preparado e deve se acostumar com as manobras e com o cavaleiro. Tem que ser um cavalo manso, mas “bom de rédea”. Alguns cavaleiros possuem os animais, outros não, e estes precisam pedir emprestados. Muitas vezes, os donos dos cavalos (produtores rurais, ceramistas etc) fazem questão de assistir aos ensaios. Para eles é um orgulho emprestar o cavalo para a cavalhada. A fala a seguir reforça esta consideração:

*Aí me disseram assim: “nunca vi tô abismado com o prestígio que vocês têm... De como o povo vem te ajudar”. É um troço que ó...a gente não dá nada, a gente não paga nada. E os caras vêm com um maior orgulho e emprestam!*

Capitão Mouro (Janeiro, 2011)

Essa colaboração é muito importante, já que para correr a cavalhada cada cavaleiro necessita de dois cavalos, pois realizar toda a apresentação com apenas um é muito desgastante e prejudica o animal. “Quando o cavaleiro teima em correr tudo com um cavalo só, o cavalo coitado sai mancando, e se for emprestado é um problema” – relata o Capitão Cristão (Janeiro, 2011). Os ensaios são marcados para as três da tarde em uma propriedade perto da Praça de Santo Amaro, sendo que o último é o mais importante, já que são definidas as posições dos cavaleiros. No final do treino para a cavalhada de 2011, o Capitão Mouro informou:

*A cavalhada é três horas e nós duas horas temos que estar preparados! Três horas é dentro do campo! Outra coisa alumínio no casco do cavalo. [...] Outra coisa, gente vamos perdoar o dia, se quiser beber é depois da cavalhada! Corre o risco de sair na hora. Não quero ninguém pensando que cavalhada é botequim [...] Quem estiver pegando material da cavalhada emprestado, favor devolver direitinho, ter cuidado com o que está pegando emprestado, seja cavalo, seja qualquer coisa. Tem que tratar melhor do que as coisas nossas, tem que arear estribo, freio, as coisas. Gente! Quem panhar o cavalo emprestado, na hora da argolinha, procura o dono do animal! Por que tem muita gente que não quer mais emprestar cavalo porque não ganhou nem uma argolinha, não foi gratificado, poxa pelo amor de Deus!*

(Janeiro, 2011)

Nessa fala fica explícita a autoridade que os Capitães têm para com os cavaleiros. Eles fazem algumas reuniões antes e após os ensaios. O local escolhido é a casa de Dona Conceição (artesã e costureira da cavalhada), por quem os cavaleiros têm muito respeito, mantendo-a participativa nas decisões sobre a cavalhada. Um exemplo desse respeito é que geralmente, no dia do último ensaio, os tecidos para as mantas (pano que cobre a sela) são deixados em sua residência, para que ela os entregue a cada cavaleiro. De acordo com

os Capitães, essa é uma forma de fazer com que os cavaleiros mais jovens a conheçam e a respeitem. Muito emocionada, Dona Conceição narrou o que significa a cavalhada de Santo Amaro para ela:

*Eu adoro ver a Cavalhada todo ano! Eu ainda não senti que eu tô fora da cavalhada, eu ainda não senti. Sabe por quê? Porque eu acabo de almoçar eu vou pra lá, eu quero saber que eu vou pra lá. Eu gosto de ajudar, os meninos ficam doidos na hora de se arrumar, eu fico ali, eu fico puro não, eu ajudo! Por isso eu ainda não tô sentindo que eu tô fora da Cavalhada não [...] Por enquanto eu ainda estou achando que eu sou a dona da cavalhada! (risos) A cavalhada na minha vida são os amigos, os amigos, os amigos! Porque eu estou velha, mas eu não sinto que eu estou velha! Eu vejo eles ali...eu abraço tanto! [...] Na festa na parte da manhã eu fico recebendo muitos e muitos que vem e chegam aqui primeiro! Antes de começar a cavalhada, correm e vem aqui me ver! A cavalhada é tudo! Se não fosse a cavalhada eu não ia conhecer as pessoas que eu conheço! Eu amo, amo demais essas pessoas!*

(Janeiro, 2011)

## *As Vestes e os Adereços*

A cavalhada de Santo Amaro é dividida em dois partidos, em que doze cavaleiros representam os Mouros e os outros doze representam os Cristãos. Estes são diferenciados pelas cores vermelha (para os Mouros) e azul (para os Cristãos). A indumentária é um elemento de destaque na cavalhada de Santo Amaro. Os cavaleiros são vestidos pela “casaca” em cetim azul ou vermelho, calças brancas, botas pretas e na cabeça um “boné” ou capacete, também azul ou vermelho.

**Figura 10: Costureira e artesã da cavalhada exibindo as atuais vestes dos Mouros e Cristãos**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

Dona Conceição revelou os “segredos” da confecção das vestes, como também as mudanças que ela presenciou pelos anos que vêm se dedicando à manifestação. Ela relatou que a primeira vez que confeccionou as vestes foi em 1961.

*Antes quem fazia as roupas da cavallhada era uma senhora chamada Luzia, mas era gente que podia, sabe o quê? Ela ia na loja, comprava aquele montão de roupa, ia na casa das pessoas onde tinha moça [...] arranjava as moças pra ajudar e ela pagava para essas meninas fazer essas coisas. Isso em 1951, quando eu cheguei aqui. Logo cheguei em Outubro e em Janeiro veio a primeira festa que eu conheci. Ah... mas eu adorei! Ai meu Deus que coisa boa, eu invocada com a cavallhada! [...] A primeira roupa que eu fiz foi em 1961, foi a primeira festa que eu peguei o compromisso de fazer foi essa 1961.*

(Dona Conceição, 2010)

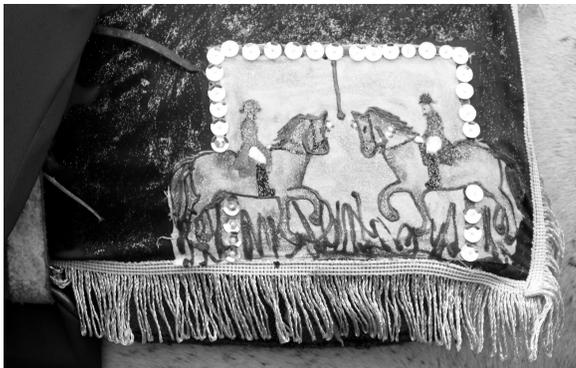
Ela conta o que é necessário para a vestimenta dos cavaleiros e dos cavalos:

*Os cavaleiros são vestidos com o boné, a camisa, depois bota o cinto, cinturão com a espada e o boné na cabeça [...] No cavalo vai a sela, a manta, a cangoteira que bota em cima do pescoço do cavalo. A rabicheira é aquela fita amarrada no rabicho do cavalo que vai até o pé, essas são as coisas do cavalo, ah... e o peitoral de guizo também! O guizo não são sinos, são bolas fechadas, dentro tem um pinozinho que bate e faz barulho. O de Joel é muito bom é coisa antiga lá do avô dele, coisa assim.*

(Dona Conceição, 2010)

A manta é um detalhe peculiar na indumentária, pois cada cavaleiro deve ter uma arte nela, que pode ser uma pintura ou um bordado. É como se cada uma destas artes manifestasse algo que o cavaleiro quer dizer, algo que pode estar relacionado com a sua personalidade. No entanto, a manta não pode ter figura de Santos da Igreja Católica, pois segundo o Capitão Cristão “Não se pode montar em Santos, é falta de respeito, pode colocar uma flor, um cavalo, uma pomba simbolizando a paz, mas Santo não” (Capitão Mouro, 2010). As artes são feitas pelas mães, esposas, avós dos cavaleiros; algumas delas são confeccionadas por tradicionais bordadeiras da Baixada Campista.

**Figura 11: Manta com a arte escolhida pelo cavaleiro**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

**Figura 12:** A esquerda destaca-se a rabicheira (composta por fitas coloridas), no centro a manta, além dos detalhes da bota, da esporra e da sela campista forrada



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

Quanto aos adereços dos cavaleiros, os capitães enfatizam o uso do estribo, esporas, botas, espadas, lanças e peitoral de guizo. Sendo que as espadas e o peitoral de guizo são identificados como verdadeiras relíquias, pois são passados de pai para filho, ou afilhados e netos. Quanto a esse aspecto, Joel destaca:

*A minha espada tem um brasão [estalou os dedos], coisa antiga 1889. A minha é [...] Isso aí é relíquia que veio do quartel, é de época de coronel, que vai passando pra essa turma, vai passando... A minha espada é de tradição! Eu tenho, eu tenho uma, duas com papai.*

(Capitão Mouro, 2011)

**Figura 13:** Peitoral de guizo



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

**Figura 14 : Espadas utilizadas na cavallhada de Santo Amaro**



Fonte: Foto da autora, outubro de 2011

O capitão relatou que algumas espadas que estão entre eles datam de 1889, e quando os cavaleiros vão envelhecendo e deixam a cavallhada, doam a espada para um cavaleiro de sua família. Também é muito comum quando um ex-cavaleiro falece ter a sua espada doada. Quanto a esse aspecto, Dona Conceição relembra:

*Essas espadas são de antigamente [...] Olha...Foi coisa do tempo da escravidão, porque aqui teve muito engenho [...] A espada acho que foi coisa de gente do exército. Tem espadas que sumiram e ninguém sabe pra onde foi. Meu sogro tinha duas espadas. [...] Quem é que sabe quem fazia essas espadas? Coisa muito antiga e bota antiga nisso!*

(Outubro, 2010)

Ela ainda contou que a sela<sup>26</sup> tem que ser campista e deve ser forrada, recebendo por cima uma manta na qual, a de cada cavaleiro, deve ter um diferente bordado. Esta sela é peculiar, pois é confeccionada artesanalmente somente na região de Campos; o capitão mouro sempre enfatiza a sua importância:

*A diferença da sela campista para a comum é que ela não tem cabeça. Ela é lisa na frente. Com as boinas. Isso é para a proteção, no joelho tem essas boinas. Ela dá firmeza para o cavaleiro. Ela tem uma proteção do joelho. Você já viu essa sela desforrada? Essa aba do lado protege o joelho do cavaleiro. Uma sela dessa hoje fica no torno de...quase...se*

<sup>26</sup> A “sela campista” é rica em detalhes, tendo como principal diferença de outras selas o fato de não possuir a “cabeça”, uma espécie de suporte para as mãos (item de segurança da sela). A ausência da cabeça pode estar relacionada ao relevo da Baixada Campista ser de planície, o que não oferece grandes dificuldades para a montaria. A sua forma de produção mais detalhada faz com que demande mais tempo do artesão, e, por utilizar materiais de melhor qualidade, como por exemplo couro de melhor resistência, torna-se um produto mais caro em relação a outras selas (ARAGÃO; GAMA, 2008).

*não chegou a mil reais com o arreamento todo é mil [...] Antigamente aqui na Baixada só existia sela assim. A minha sela é assim ó... É uma poltrona eu sento é mesma coisa que tá numa poltrona.*

(Fevereiro, 2011)

**Figura 15: Sela Campista forrada artesanalmente**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

A cultura popular expressa movimento, já que mudanças podem ocorrer com o passar dos anos. Isso pode ser comprovado na fala de Dona Conceição, quando ela descreve a transformação pela qual as vestes foram passando:

*Antigamente... As roupas... As primeiras eu nem lembro porque eu não vivi, mas até onde eu me lembro eles botavam umas rodinhas de papel brilhante feito botões. Depois apareceu uma estrelinha assim, meia douradinha mas botavam elas salteadas. As roupas sempre foram azuis e vermelhas. Essas bolinhas salteadas eram de papel de cigarro, um papel brilhoso. Depois não sei como nem porquê, a gente descobriu a lantejoulas já estamos com ela uns mais de vinte anos, quer dizer, era coisa nova que não tinha no comércio. Um dia nós fomos na rua, eu e Joel, ele era pequeno, eu já velha, mas sempre a minha companhia era Joel, porque ele corre cavalhada desde pequeno. Neste dia a mãe de Inês, que agora faz as roupas, foi comigo. Ai eu falei: "Será que isso fica bom?". E ela disse: "Deve ficar bonito, mas a gente não sabe o preço". A gente foi e comprou um pacotinho só e colocamos nas roupas.*

(Dona Conceição, 2010)

**Figura 16: Vestes da cavalhada de Santo Amaro em fins da década de 1970**



Fonte: Arquivo do INEPAC

Sua fala explicita tanto a transformação das vestes, como a vinda de outros produtos (sintéticos), que passaram a ser inseridos no comércio de confecção. As artesãs e costureiras da cavalhada aderiram e começaram a utilizar esses novos produtos. Ela se emociona ao se lembrar da participação de Joel, atual Capitão Mouro, desde criança, primeiramente não como cavaleiro, mas acompanhando-a e ajudando-a nos afazeres necessários para a realização da cavalhada.

Enquanto contava como foi aderindo à mudança nos bordados, Dona Conceição levantou-se e foi ao seu quarto, retornando com um saquinho, ainda com alguns paetês, que, segundo ela, foram os primeiros que adquiriu para a cavalhada e guarda como uma recordação. Mas, ao falar que atualmente é a sua sobrinha que confecciona as vestes, ela se emocionou, lembrando quando precisou parar de costurar, por problemas de saúde e pela idade avançada:

*Aí já teve tempo que correu quatro cavalhadas com a mesma roupa, dessas quatro quase foi a minha despedida por que eu já estava cansada. E eu falei: “Meu Deus eu tenho que deixar”, e minha filha: “Mãe você tem que deixar isso!”. Eu disse “então vamos fazer uma coisa, vou fazer a última, mas vamos zelar”. Mas graças a Deus... Aí foi o tempo que Inês já estava ficando mocinha e tinha gosto de costura!*  
(Dona Conceição, 2010)

Ela mencionou a emoção que sentiu quando percebeu que, ainda criança, a sua sobrinha tinha “gosto” pela cavalhada: “Inês desde criancinha já tinha inclinação para fazer roupa de cavalhada! Você acredita que ela fez uma roupa de cavalhada ela era pequenininha assim [ela mostrou o tamanho com as

mãos] uma camisinha de boneco assim... ela fez uma roupa de boneco!”. Para Dona Conceição foi muito importante a sua sobrinha ter dado continuidade na confecção das vestes, já que a grande preocupação dos participantes de uma manifestação cultural é justamente para quem vão ser transmitidos os seus saberes, pois isso garante a sua persistência.

Entretanto, além da transformação das vestes, ocorreram também modificações quanto aos adereços dos cavalos, que antigamente eram enfeitados por flores de papel, e atualmente as flores são confeccionadas com um tipo de plástico.

*As flores eram feitas de papel. Meu sogro, por exemplo, preferia de papel, Doutor Alexandre também preferia de papel. Mas quando acabava a cavallhada já tinha tudo acabado... agora é de plástico. O papel crepom quando acabava a cavallhada tava rasgado [...] Tô fazendo uns onze ou doze anos... Fizeram cada flor linda de papel crepom, mas minha filha pra quê? Quando bateu a chuva... Os cavalos ficaram vermelho e azul! Porque o papel crepom solta tinta, né? Mas era lindo aquelas rosas grandes ...a gente botava um brilhinho de alumínio no meio e ficava lindo! Mas... Quando batia a água (risos).*

(Dona Conceição, 2010)

As vestes e todos os adereços necessários para os cavaleiros são uma grande preocupação para a cavallhada, principalmente porque são muitos os gastos com as indumentárias. Os capitães revelam que as casacas e os bonés podem ser lavados e aproveitados por pelo menos três ou quatro festas e não mais. Além disso, após sucessivos usos a roupa começa a ficar desbotada, por conta de sol ou da chuva.

*Eu vou explicar tudinho pra você. A rédea encabeçada no cavalo forrada e peitoral enfeitado. Esse forro se a gente zelar corre outra vez [...] Se pegar um tempo quente demais o cavalo soa demais e fica manchado, se pegar uma chuva desbota. Aí se usar no outro ano essa manta de novo fica um troço meio avacalhado.*

Capitão Mouro (Janeiro 2011)

Com o passar dos anos vão ocorrendo trocas de cavaleiros, já que alguns deixam de correr, cedendo o lugar para outros, que muitas vezes têm o tamanho de vestimenta diferente, fazendo com que seja necessária a confecção de outras roupas. Quanto aos adereços dos cavalos, estes têm que ser refeitos praticamente todo ano, por conta do suor do animal que desbota as peças. A preocupação dos integrantes da cavallhada com as vestes se explica ao perceber a função que elas têm de caracterizar a manifestação.

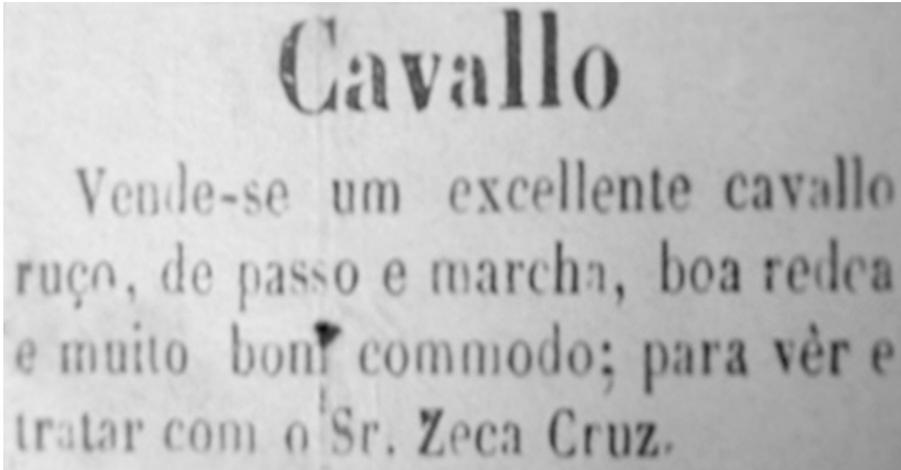
## **O Cuidado com os Animais**

O trato com os animais é um fator de grande importância para a cavallhada, e isso requer um constante cuidado dos cavaleiros, principalmente dos Capitães. Nem todos os cavaleiros possuem cavalos, e estes muitas vezes são emprestados.

Além disso, de fato há necessidade de empréstimos de cavalos, já que cada cavaleiro necessita de dois para a encenação da cavalhada. Os capitães fazem questão de enfatizar que não se pode utilizar qualquer animal: este deve ser bem adestrado.

Essa preocupação com os cavalos provavelmente ocorre desde as cavalhadas mais antigas. É que, durante a pesquisa em arquivos do *Jornal Monitor Campista* de 1883, foi encontrado, ao lado da notícia que convidava para a Festa de Santo Amaro, um anúncio da venda de um cavalo. O curioso é que a descrição era de um cavalo ruço, de passo, marcha e boa rédea, exatamente como os Capitães descreveram ser ideal para correr a cavalhada.

**Figura 17 : Notícia de venda de cavalo**



Fonte: *Jornal Monitor Campista*, 12 de janeiro de 1883

Observa-se, então, que o cavalo utilizado para a cavalhada não é o mesmo que é empregado no campo; é um cavalo mais de “mimo”, que exige um adestramento específico. Manter um animal desse porte não é tarefa fácil:

*O melhor para o ensino na rédea é o campolino, portanto eu corro com um campolino! [...] Cuidar de cavalo é complicado! Morre mais fácil do que uma galinha! Cavalo só tem tamanho [...] Manter um cavalo na ração é muito caro, você sabe quanto eu gasto de ração dos animais? Apesar que eu tenho...um...dois...três...quatro, cavalos. Agora mesmo eu comprei mais um que sirva para a cavalhada. [Não é qualquer um que serve?] Não, tem que ser russo ou de cor que mexe. Tem que ser um cavalo que mexe de rédea. Você viu aquele preto que eu tenho? Ele não mexe adequado, eu não boto na cavalhada não, só trabalho com ele no campo. O cavalo que mexe é para meio de força. Tem que ser um cavalo adestrado para todo o ensino que a gente quer. Eu só corro com cavalo que mexe bem a rédea... Porque eu que ensino, você acha que eu vou correr com qualquer cavalo pra ficar com o meu filme queimado? (risos) Nesse ponto eu sou malandro!*

Capitão Mouro (Janeiro, 2011)

Nessa fala, observa-se que, além dos gastos com as vestes e os adereços dos cavalos, que devem ser refeitos anualmente, os cavaleiros gastam individualmente para cuidar dos animais, e isso inclui alimentação, remédios etc. Quanto a isso, o Capitão Joel contou:

*Quando está faltando dois meses para a cavallhada eu aperto mais ração para o cavalo. É mais purina é mais milho é mais farelo e tem que dar remédio, cálcio, né? Mesmo que não tá gordo mas tá calcificando, tá forte. Tem que colocar a ferradura, eu boto. De tudo no cavalo eu faço. Eu tenho curso de adestramento eu fiz tudinho. Equitação do quarto de milha, do mangalarga, eu já viajei muito! Eu não fico só aqui por conta de Santo Amaro não. Eu já fui à Belo Horizonte, frequentar exposição, Rio de Janeiro. Eu tenho curso de casqueamento, de embocadura para amansar botar na moda do adestramento do quarto de milha. Eu fiz cursos aqui na Pecuária [...] Um cavalo a gente encontra de 2 mil reais, para ensinar, mas ensinado é 10 mil, 15 mil. Olha quem ensina um animal tem muito valor!*

(Janeiro, 2010)

Ele relata que, na época da festa, os produtores rurais, ceramistas etc que emprestam os cavalos só confiam em emprestar sob a responsabilidade dos Capitães. Isso explica o fato de que, no mês da festa, a casa do Capitão fique com dez, doze cavalos; além dos dele, sob os seus cuidados. Para o Capitão, como alguns “meninos” são cavaleiros de tradição (netos de ex-cavaleiros) e alguns deles muitas vezes não têm condições de bancar os gastos de um animal, “dá dó de ver um menino desse largar a cavallhada”, relatou; por isso, para alguns que não têm condições, o capitão Moura oferece ajuda para cuidar dos cavalos, bancando, assim, os gastos na alimentação desses animais, para que esses “meninos” não deixem de correr a cavallhada.

O autor Feydit (1979), ao se referir à cavallhada que ocorreu na Baixada Campista por aclamação ao casamento de D. João e Dona Carlota em fins do século XVIII, destacou as grandes despesas com arreios, cavalos e vestimentas para a realização da cavallhada. O tempo passou, porém as despesas ainda são consideráveis e fazem parte da realização do evento. Logo, para os Capitães, é necessário investir para que a tradição seja mantida.

Deste modo, compreende-se que essa manifestação só se mantém através do apoio da comunidade; por isso, os Capitães fazem questão de enfatizar que a cavallhada é da comunidade. Para que qualquer mudança ocorra, é preciso estar de acordo com o conjunto, pois na cavallhada os “atores” não são apenas os cavaleiros, e os Capitães são aqueles que emprestam os cavalos, os ex-cavaleiros, as famílias dos cavaleiros, as costureiras e artesãs, enfim, uma comunidade que se empenha para manter viva essa manifestação.

### ***Preparativos para a Cavallhada***

Na semana da cavallhada, os organizadores, incluindo os capitães, se

reúnem para os últimos preparativos, pois, segundo eles, um espetáculo desse porte requer a participação e colaboração de muitas pessoas: “*é pra que tudo dê certo*”, relataram. É preciso definir quem vai ajudar os cavaleiros a cuidar dos animais, principalmente, no momento da troca dos cavalos. As reuniões são importantes para esclarecer tudo o que é necessário para o evento.

No dia 15 de janeiro, os cavaleiros iniciam suas atividades desde cedo. É preciso preparar os animais, dar banho, escovar. O filho do capitão mouro, que também é cavaleiro, contou que os cavalos russos (brancos) são lavados com sabão de coco e vinagre: “*é pro pelo ficar branquinho*”, disse o jovem cavaleiro. Depois passam xampu para que fique macio. Os cavaleiros penteiam a crina fazendo pequenas tranças. As patas dos animais são pintadas de prateado, o que eles chamam de “passar o alumínio”, e nelas são amarradas fitas azuis ou vermelhas. Também são colocadas as flores, o peitoral de guizo e a sela campista, revestida pela manta. Os cavaleiros iniciam esses preparativos pela manhã.

**Figura 18: Pai e filho nos últimos preparativos com os adereços dos cavalos, algumas horas antes de iniciar-se a cavalhada**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

*No dia da festa a gente começa a se arrumar desde cedo. É cavalo chegando, é cavalo lavando, é cavalo limpando as orelhas, é cavalo pintando o casco. Mas só que coisa de uma semana da festa eu já tô preparando. Eu que boto ferradura. Olha você quer saber de uma coisa? Cavalhada é tão bom pra mim que se eu contar quantos cavalos eu ferro de graça é incalculável. Para a cavalhada eu não cobro! E tem gente que acha que cavalhada é fácil!! (Risos).*

Capitão Mouro (Janeiro, 2011)

A cavalhada é apresentada em um campo de futebol, que fica ao lado da praça. No centro do campo são armadas as traves com a força, elementos essenciais para que sejam realizados os jogos. Muitas pessoas além dos cavaleiros estão envolvidas no evento e são denominadas por “assistentes”; assim, enquanto os cavaleiros terminam os preparativos que antecedem a apresentação, amigos e parentes estão posicionando no campo a “trave” e a “força”. A força é preparada com um pedaço de madeira, semelhante à forquilha de um estilingue. No meio da forquilha, prende-se uma pedra, que lhe dá maior caimento e ajuda na fixação no centro de um fio de *nylon*. Este é preso à trave por meio de roldanas, o que permite maior movimentação da força para a fixação dos alvos, que são: argolinhas, pães e potes de barro denominados boião. Essas peças são fundamentais para a realização dos jogos e suas manobras. Na trave são amarradas duas hastes de bambu de cada lado, sendo que em uma é prendida uma bandeira vermelha com um desenho de uma lua e uma estrela (representando os mouros) e na outra uma bandeira azul com uma cruz (representando os cristãos).

**Figura 19: As traves com a força. Ao lado, os assistentes da cavalhada**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

Momentos antes de iniciar a cavalhada, os cavaleiros vão chegando e se concentram em uma casa, próxima ao campo onde ocorre a encenação. Essa casa possui uma pequena propriedade ao lado, possibilitando a concentração de todos os animais a serem utilizados. Neste local, eles terminam de arrumar seus cavalos e definem os últimos preparativos. A filha do Capitão Mouro distribui o que falta das vestes, a casaca e o boné para os cavaleiros; a “rabicheira” e as flores para os animais. Quando prontos, todos se reúnem para uma oração, pedindo ao padroeiro, Santo Amaro, que tudo ocorra bem durante a cavalhada. Eles narraram que já aconteceram muitos acidentes, então é preciso “*pedir proteção pro Santo*”. Enquanto isso, a banda civil local, denominada Lira de Santo Amaro, já está chegando à concentração.

**Figura 20: Cavaleiros reunidos no campo de concentração, momentos antes de iniciar-se a cavalhada, fazem orações em devoção**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

*A banda é muito importante para a cavalhada, é a cultura daqui do lugar e... Eu acho importante para abrir uma cavalhada. Muito importante sim! E a gente já tem a tradição que a banda acompanha a cavalhada fazendo o percurso da cavalhada, porque é tradição há muitos anos. Então a participação dela na cavalhada é muito importante!*

(Capitão Cristão, 2011)

*Para mim a cavalhada sem a banda não é cavalhada. Sabe por quê? Nós saímos dali, nós nos aprontamos ali naquela casa. Se a cavalhada se apronta e vem entrando em campo, sozinha entra morta! A banda dá aquela volta pelas ruas e a cavalhada atrás, quando a cavalhada*

*chega no campo a banda se retira. Ai todo mundo quando escuta o som da música, da banda, todo mundo vai correndo, quem tá espalhado na festa vem correndo, porque a cavalhada vai começar!*

(Dona Conceição, 2010)

A banda tem o papel de anunciar o início da cavalhada e despertar a atenção das pessoas para o evento. Utilizar a música para anunciar os jogos é algo decorrente desde os torneios medievais, embora os instrumentos utilizados tenham se modificado com o decorrer do tempo. Por isso, é interessante mencionar Lamego (1920), em sua descrição da cavalhada que aconteceu em 1730 na Baixada, na qual cita a “fanfarrinha dos charameleiros”, que era uma banda musical composta por instrumentos de sopro; isso demonstra que esse ritual era comum para anunciar os “torneios”.

Na concentração, com a chegada da banda, os 24 cavaleiros posicionam-se em pares, dividindo-se em duas filas sequencialmente. De um lado, 12 cavaleiros vestidos de vermelho representam os mouros, e os outros 12, em azul, representam os cristãos. Quando a corporação musical inicia a marcha, os cavaleiros já estão posicionados, e cada fileira é guiada pelos capitães de cada partido, que se diferenciam dos outros cavaleiros por uma pluma no capacete. A banda segue o percurso, junto aos organizadores da cavalhada, e os cavaleiros, em um cortejo desfilando pelas ruas convidando o povo. Seguem até o campo onde entram em disparada com o espocar dos fogos. Vai começar mais uma cavalhada de Santo Amaro!

**Figura 21: Cortejo pelas ruas: a Lira de Santo Amaro anuncia o início da cavalhada, acompanhada dos organizadores e pelos cavaleiros**



**Figura 22: Cavaleiros Mouros e Cristãos desfilam pelas ruas de Santo Amaro**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

### ***A Encenação da Cavallhada***

Enquanto os cavaleiros desfilam pelas ruas, o narrador da cavallhada já está no palanque. Sua narração é fundamental para a apresentação, sendo de extrema importância que ele seja da comunidade e que conheça a cavallhada. Atualmente existem duas pessoas na comunidade que são aptas para narrar a encenação. Um deles é ex-cavaleiro, e o outro é primo do capitão. O Capitão Mouro informou que para narrar a cavallhada é necessário que seja *“um dos dois... Porque sem os dois, se for pra ser qualquer locutor, é melhor deixar a gente correr mudo”*. A importância de o narrador pertencer à comunidade se deve ao conhecimento que este detém em relação aos jogos, as manobras da cavallhada, como também a história de cada cavaleiro. Ele aproveita o momento inicial para falar os nomes de todos os cavaleiros, anunciando, também, os nomes dos organizadores da cavallhada, fazendo agradecimentos para muitas pessoas que contribuíram, como os proprietários dos cavalos, os membros da banda, o festeiro, os assistentes e as famílias.

Um foguetório anuncia a entrada dos cavaleiros, iniciando a encenação da cavallhada. Estes, em disparada, circulam o campo, intercalados em azuis

e vermelhos fazendo duas voltas; os guizos dos peitorais produzem um som peculiar, enquanto os cavaleiros executam suas manobras e carreiras. Primeiramente, eles desembainham as espadas e as exibem; essa carreira é denominada Ataque de Espadas:

*Vou falar tudinho para você prestar a atenção... Acompanha o meu dedo... Dei duas voltas com a espada na entrada circulando [...] Depois a gente retorna, completando as duas voltas na forma do vermelho é o ataque de espadas... Ai retorna a forca... Por dentro da forca... Presta a atenção ó... Acompanha a minha mão... Demos as duas voltas no canto, aí eu vou guiando todos os cavaleiros.*

(Capitão Mouro, 2010)

### Figura 23: A primeira parte da encenação da cavallhada: a carreira do ataque de espadas



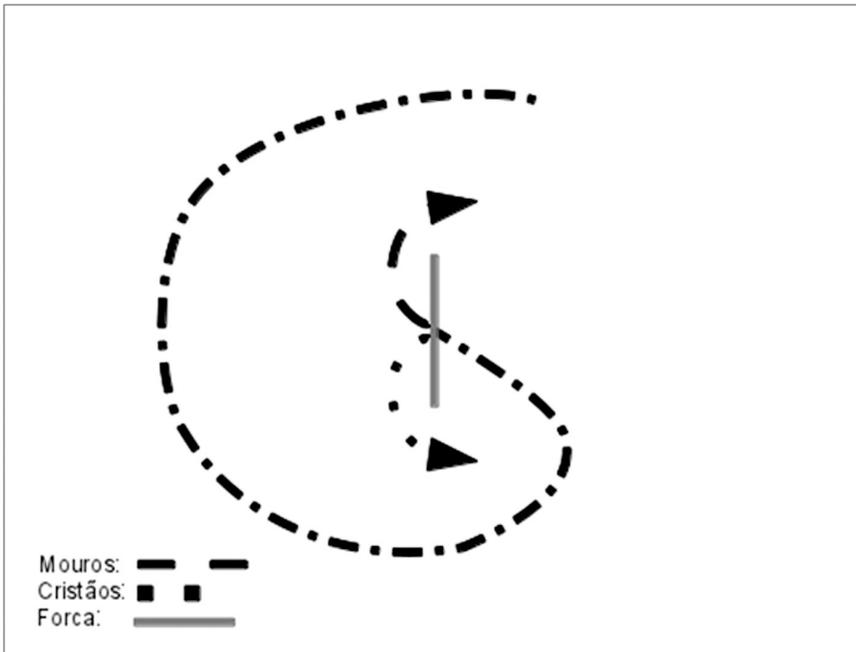
Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

Enquanto o capitão contava os detalhes sobre a encenação da cavallhada de Santo Amaro, descrevendo as manobras e as várias passagens pela trave da forca, ele tentou demonstrá-las de forma escrita, mas desistiu de anotar essas “voltas” no papel. Então levantou-se e arrumou duas cadeiras para fingir de trave da forca, e começou a encenar as “voltas”, fato que reforça a oralidade na transmissão desse conhecimento. Muito empolgado, o Capitão Mouro continuou explicando as manobras realizadas:

*Aí separa o azul e o vermelho [...] Retornando para a forma do vermelho. Continua o ataque de espadas aí vira duas filas. Aí cheguei na forca [...] a forca vamos supor que são essas duas cadeiras aqui... Eu retorno pra lá, tá vendo meu dedo? E Miguel pra cá. Para a forma do vermelho, pro lado meu. Forma do vermelho, que é pro lado da estação. Depois quando encontrar lá eu viro na forma do azul e Miguel vira na forma do vermelho. Depois a gente parte para a forca, para fazer o ataque de espadas ao centro. Depois eu venho para cá... Vou do ataque do lado de cá e Miguel do lado de lá... Venho aqui e encho o canto de novo e paro aqui e volto pelo lado de lá...*

(Capitão Mouro, 2011)

**Figura 24: Simulação do início da cavalhada, no Ataque de Espadas, quando os cavaleiros se separam em azuis e vermelhos**



Fonte: Elaborado pela autora

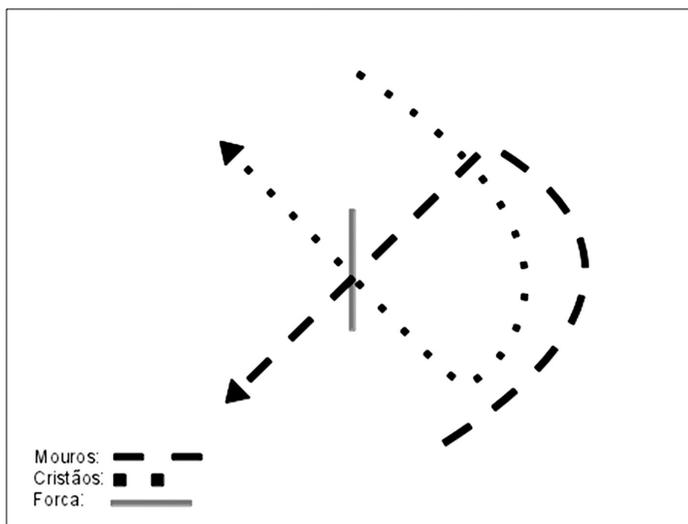
O capitão Mouro (Joel) faz questão de mencionar a parceria com o capitão Cristão (Miguel), enfatizando que os dois têm a responsabilidade de guiar os outros cavaleiros. Quando ele se refere à “forma do vermelho” e à “forma do azul”, isso significa que cada capitão está guiando a sua fila de cavaleiros, ou seja, a dos mouros e a dos cristãos, em um determinado local do campo. Após estas manobras, todos se preparam para o Salto da Garupa, que é reconhecida como a carreira mais perigosa da cavalhada de Santo Amaro, na qual os cavaleiros se posicionam em duas diagonais na ponta do campo e correm em disparada para se cruzarem na trave da forca.

**Figura 25: Cavaleiros se cruzam na forca interceptando-se no Salto da Garupa, considerada a carreira mais perigosa da cavallhada de Santo Amaro**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

**Figura 26: Simulação da direção da Carreira do Salto da Garupa**



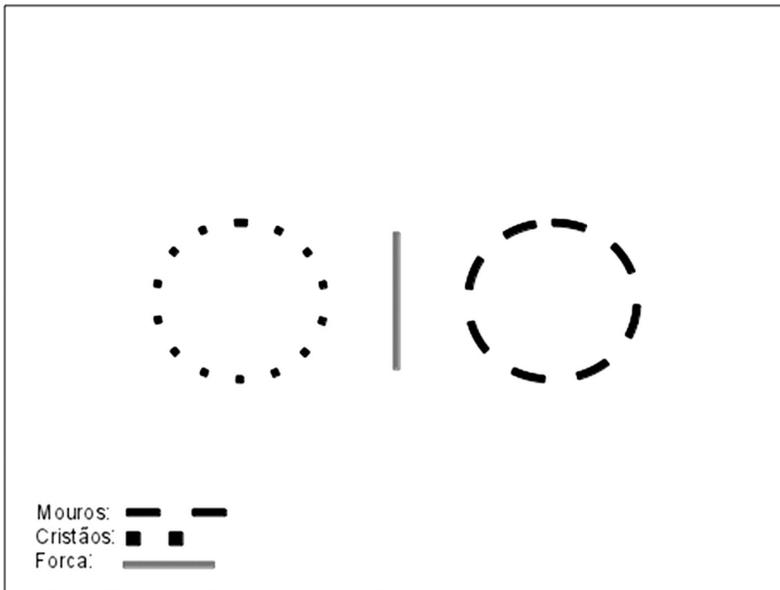
Fonte: Elaborado pela autora

*O salto da garupa... Quanto mais correndo melhor fica, sabe por quê? (risos) Ele não embola! Se passar devagarzinho o choque cá atrás do meio pro final, a gente embola tudinho! Um para, outro cavalo roda aí pula dois... Olha, olha... Mas acontece muito! Não é de hoje! Graças a Deus, o meu Bom Deus Santo Amaro tá aí! Oh! Quantas vezes! Vou falar Português claro! Teve muita gente que já bateu na forca! Uma vez o seu Amaro bateu e quebrou a clavícula! Caiu dentro da vala! [...] O mais difícil pra mim é o salto da garupa! Sabe por causa de que? Que muita gente, oh... Por isso que eu falo, gente panha os cavalos ENSAIA gente!*

(Capitão Mouro, 2011)

A importância dos ensaios é sempre mencionada pelos capitães, o que reforça a necessidade de empenho e dedicação do grupo, para que tudo ocorra de forma satisfatória no dia da apresentação. Após o Salto da Garupa, os cavaleiros se dividem em dois grupos, se cruzam na forca e seguem galopando formando um círculo dos azuis e outro dos vermelhos, fazendo com a lança um movimento denominado Ação de Cabeça. Depois continuam em formação de círculos e iniciam a Manobra do Tiro, em que os cavaleiros, de um a um, simulam atirar. Participantes mais antigos da cavallhada de Santo Amaro contam que antigamente a manobra do tiro era realizada com uma pistola e bala de festim. Segundo eles, existe uma estória local de que, certa vez, aconteceu um acidente, pois um cavaleiro atirou no próprio pé. Depois desse ocorrido, a manobra do tiro passou a ser realizada através de uma encenação, na qual os cavaleiros simulam o tiro com uma das mãos.

**Figura 27: Simulação da direção da Manobra do Tiro**



Fonte: Elaborado pela autora

**Figura 28: Cavaleiros simulam atirar na Manobra do Tiro**

Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

Continuando a encenação, os cavaleiros erguem as espadas, e mais uma vez executam o Ataque de Espadas em direção à trave da força, onde se cruzam mais uma vez. Após isso, os cavaleiros formam duas fileiras, e ficam alinhados formando duas filas paralelas e se encontram na força, onde se cumprimentam com as espadas. Neste momento, a banda retorna e passa entre as filas de cavaleiros executando uma marcha. Logo após, os cavaleiros desmontam (os assistentes seguram os cavalos), formando duas filas lado a lado, e seguem a banda dirigindo-se para a Igreja, recebendo os aplausos do público.

**Figura 29: Cavaleiros cumprimentam-se na força, à direita, os assistentes aguardam o momento de segurar os cavalos**

Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

A banda espera em frente à igreja e para de tocar. Ouve-se então o badalar dos sinos, e os cavaleiros retiram o boné (ou capacete) e se dirigem para o interior da igreja, onde se ajoelham, para receberem as bênçãos de Santo Amaro. Esse momento peculiar da Cavallhada é muito significativo para os seus participantes. A simbólica entrada dos cavaleiros no interior da igreja possibilita perceber a aproximação entre o sagrado e o profano.

**Figura 30: Cavaleiros dirigem-se para o interior da Igreja de Santo Amaro**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

**Figura 31: No interior da igreja, os cavaleiros ajoelham-se, pedindo bênçãos ao padroeiro**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

Os cavaleiros consideram essa parte como uma das principais do ritual, pois vão aos pés da imagem de Santo Amaro fazer as suas orações, pedindo, inclusive, que nenhum acidente ocorra durante a encenação. Nesse momento, eles encontram-se ajoelhados para receberem a bênção do padre:

*Abençoe, Senhor, esses cavaleiros que vêm aqui pedir a sua bênção, para que possam ser protegidos dos perigos e que nesta tradicional cavallhada desempenhem bem o seu papel e que sejam instrumentos da vossa palavra, do seu amor e ao mesmo tempo instrumento daquilo que vão desempenhar. Abençoi-os, Senhor, e protegi os cavaleiros e seus animais, amém.*

(Padre Fabrício, 2010)

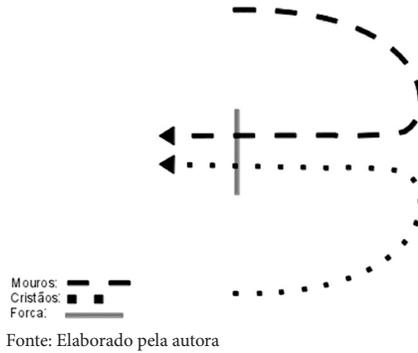
Retornando ao campo, os cavaleiros são conduzidos pela banda, para que em seguida voltem a montar os animais, dando prosseguimento à apresentação. Eles repetem o Ataque de Espadas e o Salto da Garupa, preparando-se para a Carreira do Abraço. Nesta carreira os cavaleiros saem em duplas e passam pelo meio da forca onde apertam as mãos, simbolizando um abraço. Existe uma estória local, que não sabem se é verdadeira, na qual, nesta carreira, quando um cavaleiro foi tentar abraçar o outro, caiu do cavalo e morreu pisoteado; por isso atualmente o abraço é simbolizado apenas com o apertar das mãos.



**Figura 32: Mouros e Cristãos em duplas apertam as mãos na Carreira do Abraço**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

**Figura 33: Simulação da direção da Carreira do Abraço**

Depois desta carreira, eles novamente posicionam-se em uma fila paralela na lateral do campo, em direção ao nascer do sol. Ocorre então o momento da troca de cavalos. Como foi apontado anteriormente, para a cavallhada são utilizados dois cavalos para cada cavaleiro, pois o animal não aguenta executar todas as manobras até o final. Quando os cavaleiros desmontam, os assistentes entram em ação, segurando os cavalos e ajudando na troca dos animais. Então o narrador aproveita para fazer novamente um agradecimento aos proprietários que emprestaram os animais, ação fundamental para a continuidade dessa manifestação cultural.

Após a troca, novamente montados, os cavaleiros se posicionam em uma fila paralela, na lateral do campo, iniciando a Carreira das Argolinhas. A argolinha tem um formato circular cujo diâmetro se aproxima à palma de uma mão; nela é amarrada uma pequena fita simbolizando a cor de cada partido. Elas ficam penduradas como um alvo na forca. Os cavaleiros, de um a um, posicionam-se, fazendo um movimento de puxar a rédea, para demonstrar o adestramento do animal, para a seguir galopar em direção à forca com o intuito de retirar a argolinha com a parte pontiaguda da lança.

**Figura 34: Argolinhas utilizadas pelos Cavaleiros**

Fonte: Foto da autora, 2012

Essa carreira inicia-se pelo Capitão Mouro, depois o Cristão e assim sucessivamente até o último cavaleiro do lado Cristão. Depois todos repetem a mesma carreira. Quando cada cavaleiro posiciona-se para acertar a argolinha, o narrador fala o seu nome, sua destreza e também a qual família pertence: *“Agora de vermelho representando os Mouros, ele que é filho do Capitão! O cavaleiro Popó! Representante da família Costa! Recebe os aplausos do público presente!”*.

**Figura 35: O Capitão Mouro exibe a sua destreza na Carreira das Argolinhas**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

Após essa carreira, seguem em uma fila para o fundo do campo, onde se dispersam e iniciam a distribuição de argolinhas para o público. As pessoas, como gratidão, ao receberem uma argolinha, colocam uma gratificação em dinheiro nas botas do cavaleiro, que, segundo a tradição, não pode tocar na nota.

**Figura 36: Capitão Mouro no momento da distribuição de argolinhas para o público**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

*Quando eu termino a história da bota eu dou um tanto a cada um da minha família para gratificar eles, porque a minha família me ajuda muito! [...] Na história da bota... Você viu que muita gente coloca dois, cinco, uns trocados na bota... Eu chego em casa e reparto com as crianças. Dessa vez sabe quanto que eu fiz? 140 reais! (risos) Pra meu filho eu não dei, porque ele fez o dele, ele é cavaleiro! (risos) [...] Todo mundo fica esperando a minha bota! (risos) Sabe que eu poco! Aí a turma fica que fica tudo assim no pé tudo na ponta, só esperando! (risos).*

(Capitão Mouro, 2011)

O capitão se diverte ao contar a tradição de receber a gratificação em dinheiro nas botas. Ele faz questão de dividir a quantia recebida com as pessoas que o ajudam no evento, incluindo os seus familiares. Com o término da distribuição de argolinhas, os cavaleiros posicionam-se novamente no fundo do campo para iniciar a Carreira do Pão. Esta é semelhante à carreira da argolinha, sendo o alvo um pão, uma “massa doce”. Os assistentes da cavallhada relataram que o pão geralmente é feito em uma padaria local e oferecido pelo festeiro. Consecutivamente, ocorre a Carreira do Boião. O boião é um pote de barro pendurado na forca. Esta manobra é semelhante às anteriores, sendo que cada cavaleiro galopa com o intuito de quebrar o pote de barro com a extremidade arredondada da lança. Antigamente eram aprisionados, nos potes de barro, pombos, gatos e cobras. Em um estudo sobre a memória social da Baixada Campista, a autora Delma Pessanha Neves relatou que na cavallhada de Santo Amaro: “pombos brancos são aprisionados nos potes de barro que, quebrados pela cabeça da lança pelos cavaleiros, são liberados” (1980, p.51).

**Figura 37: Cavaleiro Cristão na Carreira do Pão**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

**Figura 38: O Jovem Cavaleiro Mouru exibe sua habilidade na Carreira do Boião**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

**Foto 39: Os potes de barro, conhecidos por boião**



Fonte : Foto da autora, janeiro de 2011

No entanto, segundo o Capitão Mouro, a pedido do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), ocorreu a proibição da utilização desses animais. O boião passou a ser utilizado vazio, sendo que no ano de 2011, os organizadores tiveram a ideia de preenchê-los com papéis coloridos em vermelho e azul, o que deu um efeito muito bonito ao quebrá-los. Em todas as carreiras da cavalhada, a figura do “assistente da força” é importantíssima. Este é um conhecedor das etapas da apresentação, que tem o papel de ficar posicionado no meio de força (centro do campo) para fixar os alvos na forquilha. Para os cavaleiros, a Carreira do Boião também é um momento muito perigoso da cavalhada:

*Uma vez abriu um tampo na cabeça de um cavaleiro, ele foi parar no hospital, ele cortou a testa com o boião, foi na cara dele! O boião quebrando na cabeça do cavaleiro é triste! Quando vem aquele barro e desce aquele sangue! Eu já tô cansado de explicar a eles! Você já viu como eu quebro o boião? Você reparou? Eu fico de lado. Eu fico empezinho no cavalo de lado pra quebrar o boião. Mas tem gente que quer quebrar de frente! Meu garoto (risos) tomou uma porrada na cabeça! Tomou no braço! Eles querem vir em baixo...Gente! O barro quando acabar de quebrar... Se eu fosse aquela pessoa, quando o pau estivesse aqui, quando fosse cair caía lá [...] Mas não se esqueça que tem um metro ou mais de um metro do braço da gente com o pau. Quando quebra aqui já ta caindo gente! Cai em cima!*

(Capitão Mouro, 2011)

Depois da carreira do boião, inicia-se a Encontroada. Nesta, a fila dos mouros posiciona-se em uma ponta do campo e a dos cristãos na outra. O primeiro cavaleiro mouro, que é o Capitão, sai em disparada pela lateral do campo e vai até a forma dos azuis, onde o Capitão Cristão o segue. Eles vão a galope lado a lado e na direção da força batem as lanças; o Capitão Mouro fica na fila, e o segundo cavaleiro vermelho acompanha o Capitão Cristão, e repetem a execução até que todos finalizem as manobras. Em seguida repetem a manobra da Ação de Cabeça, a do Tiro e a corrida do Ataque de Espadas. Formam novamente as filas nas extremidades do campo para executar a carreira do Buquê de Flores, que acontece de forma semelhante à encontroada, sendo que o Capitão Mouro a inicia correndo no campo e segurando o buquê, pega o Cavaleiro Cristão do outro lado, e eles trotam lado a lado e em frente à força. O mouro entrega o buquê ao cristão, que em seguida vai de encontro ao outro cavaleiro mouro, e repetem a execução até o último cavaleiro do lado cristão.

**Figura 40 : Cavaleiros batem as lanças na Encontroada**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

**Figura 41: Carreira do Buquê de Flores**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

Logo após, repetem a Carreira do Abraço, e em seguida iniciam a Carreira do Lenço, ou Despedida, na qual percorrem o campo em uma fila única. Os mouros e os cristãos intercalados erguem lenços brancos simbolizando a paz e um agradecimento ao público, demonstrando um sentimento de confraternização. Esta última carreira finaliza a apresentação da cavalhada de Santo Amaro.

**Figura 42: Carreira do Lenço ou Despedida**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2010

O público aplaude os cavaleiros com muita empolgação, e eles se posicionam em frente ao palanque, pois chega o momento no qual os cavaleiros recebem as premiações. O narrador novamente faz os devidos agradecimentos, e todos aguardam ansiosos. Geralmente as principais premiações são para o cavaleiro mais velho, o cavaleiro mais novo, a manta mais bonita, o vencedor da carreira da argolinha, e para o cavaleiro que tem melhor habilidade com a rédea. Os troféus são entregues por ex-cavaleiros, familiares e outros envolvidos na cavalhada.

Todos participantes recebem medalhas, além de outras pessoas que contribuem para o evento. Essa é uma forma de agradecimento e confraternização. O cavaleiro mais novo, com 10 anos de idade, recebeu o troféu das mãos do cavaleiro mais velho, o Capitão dos Cristãos. Ele falou, emocionado, para o público presente, sobre o orgulho de entregar o troféu para aquele menino, neto de um ex-capitão, já falecido. Para ele, foi uma emoção vê-lo correr uma cavalhada, representando a continuidade desta. O final do evento é marcado quando todos se abraçam emocionados, confraternizando por mais um ano de apresentação da cavalhada de Santo Amaro.

**Figura 43: Com o término da apresentação, os cavaleiros posicionam-se em frente ao palanque, aguardando as premiações e agradecimentos**



**Figura 44: Momento da premiação: Jovem cavaleiro recebe o troféu pela melhor manta**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

**Figura 45: O Capitão dos Cristãos entregando o troféu para o cavaleiro mais novo da cavalhada**



Fonte: Foto da autora, janeiro de 2011

As manifestações da cultura popular têm movimento, não são congeladas como objetos expostos nos museus. São vivas, por isso podem modificar-se com o tempo; mas o que importa é que não percam a sua essência. A vivência com a comunidade possibilitou observar algumas pequenas modificações na encenação da cavallhada de Santo Amaro, como: a mudança das flores de papel para flores de plástico, a não utilização de animais nos potes de barro, as pequenas mudanças nos materiais utilizados nas vestimentas, entre outras. Essas modificações acompanharam a própria transformação da sociedade.

A cavallhada de Santo Amaro, por ser uma manifestação secular e ter mais de 250 anos de história, não consegue permanecer com os mesmos materiais utilizados no passado. Por exemplo, antes não existia um tipo de plástico apropriado para fazer as flores, nem mesmo paetês para as vestes. Esses materiais foram aparecendo e sendo incluídos com o passar do tempo. As transformações demonstram a própria dinâmica da cultura popular, que se cria e recria pelo povo, persistindo, mesmo com as mudanças econômicas e sociais. O evento realça os laços de reciprocidade e solidariedade de toda uma comunidade, que é responsável pela sua continuidade, reforçando que o saber popular se transmite oralmente e é passado de pai para filho.

---



## E a Cavalhada de Santo Amaro continua...

---



É impressionante assistir a cavalhada de Santo Amaro e perceber nela traços que remetem a sua origem nos torneios medievais. Esse fator reforça a complexidade e o dinamismo da cultura popular, como algo que pode ter sido criado por “alguém” e depois aceito pela coletividade; como também pode ter origem em um fato erudito e ter alcançado as camadas populares. Por isso, a busca pelas origens da cavalhada possibilitou uma “viagem” desde os torneios medievais até sua transformação em folguedo popular e seu processo de difusão no Brasil.

Em toda a Baixada Campista era comum a apresentação de cavalhadas em festividades, porém, no decorrer da história, a única que permaneceu até a atualidade foi a de Santo Amaro. Mesmo com a existência do registro da primeira cavalhada, apresentada em 1730 no Colégio dos Jesuítas, a comunidade local reconhece a contagem dos anos de realização da cavalhada de Santo Amaro pelos anos computados da festa, que em 2012 comemorou 252 anos.

O desafio de conhecer essa manifestação instigou as idas e vindas à Santo Amaro, que tornaram-se cada vez mais intensas. Assim, se no início a presença de uma pesquisadora na comunidade era um tanto incomum, aos poucos foram surgindo convites para as missas, almoços e cafés, como também para assistir aos ensaios da cavalhada e até mesmo a estadia nos dias da festa. Aos poucos, o “estranhamento” inicial transformou-se em acolhimento.

A cada observação, a cada conversa, ficava clara a espontaneidade que faz com que essas pessoas se empenhem para realizar o evento, o que possibilitou perceber que muito mais do que uma apresentação, a cavalhada de Santo Amaro tem uma importância social dentro da comunidade. Não restam dúvidas de que essa manifestação, que vem atravessando séculos, se mantém viva pelo apoio do próprio grupo. Portanto, o que os faz apresentá-la por ano após ano, garantindo a continuidade dessa relevante manifestação cultural, são os laços sociais, que segundo eles são sustentados pela devoção atribuída a Santo Amaro. Sua preservação depende das relações de solidariedade social e da transmissão dos saberes pela “boca do povo” de geração a geração.

Sendo assim, mesmo que este, como todo livro, tenha que ter um fim, a cavalhada continua... Por ela passarão tantos outros rostos, outros cavaleiros, novos personagens dessa história que não tem dono, que é do povo. Para

finalizar, deixo aqui um dos mais emocionantes relatos do capitão cristão, pois ao lhe perguntar “O que representa a cavalcada de Santo Amaro em sua vida”, ele, com a sua resposta, acabou traduzindo a essência do que a mantém viva:

*Que coisa linda a cavalcada entrando e o povo batendo palma, gente, gente... Quando eu ganho o campo na hora da cavalcada... Que coisa! [...] A gente está aqui porque gosta! Por amor! A cavalcada na minha vida até aqui é muito importante e sempre vai ser pra mim! Porque é uma coisa que eu gosto de fazer, é uma coisa que eu sei fazer e fico até satisfeito se eu puder deixar um dia para um filho. Passar para ele entendeu? Parar e deixar para um filho. Assim ela sempre vai continuar sendo importante na minha vida, porque eu deixei para um filho! [...] Sabe de uma coisa? Eu termino uma cavalcada já sonhando com a outra!*



---

## Referências

---



ANDRADE, M. *Danças dramáticas do Brasil*. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2002.

ARAÚJO, A. M. Folgedos Tradicionais e Populares: Cavalhadas. In: *Folclore Nacional: Danças, Recreação, Música*. São Paulo: Melhoramentos, 1964. v.2, p. 265-289.

BRANDÃO, C. R. *O Que é Folclore*. 4.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, T. Cavalhadas de Alagoas. *Cadernos de Folclore*, Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao)> Acesso em novembro de 2011.

BURKE, P. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARVALHO, P. W. *Se não me trai a memória*. Campos dos Goytacazes: Ed. Grafisa, 2003.

CARVALHO, J. C. *O Coronel e o Lobisomem*. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. v.82.

CASCUDO, L. C. Informação sobre a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França. In: *Cinco Livros do Povo: introdução ao Estudo da Novelística no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.

\_\_\_\_\_. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11.ed. São Paulo: Global, 2002.

CAVALLO. *Monitor Campista*, Campos dos Goytacazes, 12 jan. 1883.

COUTO REYS, M. M. *Manuscritos de Manuel Martinz do Couto Reys, 1785*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

DEL PRIORI, M. L. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FESTA de Santo Amaro: em sua capella na freguesia de S. Gonçalo. *Monitor Campista*, Campos dos Goytacazes, 8 jan. 1884.

FESTIVIDADE de Santo Amaro. *Monitor Campista*, Campos dos Goytacazes, 14 jan. 1883.

FEYDIT, J. *Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes*: Desde os Tempos Coloniais até a Proclamação da República. Rio de Janeiro: Editora Esquilo, Edição Comemorativa, 1979.

FRADE, C. M. *Cadernos do Folclore Fluminense*, Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. Evolução do Conceito de Folclore e Cultura Popular. In: *Congresso Brasileiro de Folclore, 10., 2004*, São Luís. *Anais.... São Luís*: CNF, 2004. p.49-61.

LAMEGO, A. *A Terra Goytacá: A Luz de Documentos Inéditos*. Paris: Lédion D'art Gaudio, Tomo Segundo, 1920.

LAMEGO FILHO, A. R. *A Planície do Solar e da Senzala*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

NEVES, D. P. *Pompa e Circunstância: Análise do aspecto político do sistema de relações sociais subjacente a uma festa católica*. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro: UFRJ, n. 35, jan. 1980.

\_\_\_\_\_. *Baixada Campista: Memória Social*. Campos dos Goytacazes: Ed. Damadá Artes gráficas.

OURIQUE, A. Z.; JACHEMET, C. S. *Cavallhadas uma Tradição de Raiz Milenar*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1997.

PEREIRA, N. S. *Cavallhadas no Brasil: de cortejo a cavalo a lutas de mouros e cristãos*. São Paulo: Escola de Folclore, 1983.

PESSANHA, J. P. *Pomposa Festa de Santo Amaro*. *Monitor Campista*, Campos dos Goytacazes, 12 jan. 1883.

TEIXEIRA, S. *Tempo de Cavallhada*. In: *Contribuição à prática pedagógica para a Educação Patrimonial*. Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2008.

VIANA, M. G. *As Cavallhadas em Portugal e no Brasil: Ensaio de História Comparada*. Lisboa: Oficinas Gráficas de Ramos e Moita LDA, 1973.



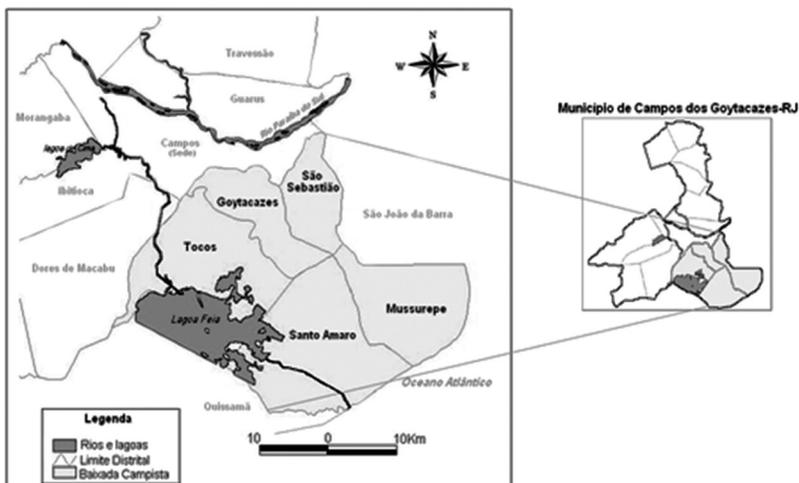
## Anexos



**Mapa de Localização do Distrito de Santo Amaro - Município de Campos dos Goytacazes-RJ**



**Mapa de Localização da Baixada Campista**





**Papel** Supremo 250 g/m2 (capa)  
Pólen Soft 80 g/m2 (miolo)

**Tipologia** Vinque (capa)  
Minion Pro (miolo)

**Formato** 16 x 23 cm (com orelhas de 5 cm)

**Tiragem** 500

**Impressão** Impressoart Editora Gráfica Ltda.  
Tel.: (41) 3348-2728